

Poesias

do Abade de Jazente

(Paulino António Cabral)

TOMO I

(Sonetos)

Desta vida a concorde variedade
Uma harmonia faz, como instrumento,
Que de diversos sons ferindo o vento
Fabrica uma cadente suavidade.

Um se ocupa das Leis na ambiguidade:
Outro notando aos Céus o movimento:
O Soldado na guerra; e o Avarento
Das sórdidas usuras na impiedade.

É diverso das Gentes o cuidado:
Fende o Piloto o mar; e a terra fria
O robusto Cultor com curvo arado.

Este caça, outro pesca, outro profia
No insólito lavor arrebatado;
Eu das Musas invoco a melodia.

Longe, longe daqui vá toda aquela,
Que consorte, ou que livre quer que a Gente
Lhe tribute os encómios de prudente,
Lhe ofereça os elogios de Donzela:

Não; não me chegue a ler a que singela
julga, que em ser amante é delinquente:
Que não joga, não dança, finalmente
Que outras prendas não tem, mais que a cautela.

Essa, que eu não a culpo, essa que estude
As máximas da honra, as Leis da fama;
E tenha piara o mais o génio rude:

Mas leia os versos meus a gentil Dama,
Que confessa não ter tanta virtude,
Que se atreva a culpar de amor a chama.

Eu que cantei na verde mocidade
Essa ardente paixão, que amor se chama;
Que a tanto homem de bem, que a tanta Dama,
Tira o repouso, e rouba a liberdade:

Que cantei desse Nume sem piedade
As setas, o carcás, e aquela chama,
Que abrasa aos Sábios, que os heróis inflama;
Que acende até no trono à Majestade:

Eu que da bela Nize o génio inquieto
Quis me servisse no verdor dos anos
Aos versos meus de principal objecto;

Eu, conduzido enfim dos próprios danos,
Mudei de assunto, e em vez de um louco affecto
Canto agora as lições dos desenganos.

É rude o Lavrador; mas felizmente
Com ideias subtis nunca excogita,
Se há mais mundos do que este donde habita;
Se animais neles há, se há neles gente.

Ele dos campos seus cuida somente;
A terra dura lavra; e não medita
Se ela acaso se move; ou se se agita
Na Eclíptica celeste o Sol luzente.

Essas outras questões que a nossa idade
Nos traz por moda do sombrio Norte,
Entrega à mais subtil capacidade:

E contente por fim da sua sorte,
Aprende os documentos da piedade;
Ignora o mais: e espera afouto a morte.

Depois que desta Aldeia no retiro
A vide podó, enxerto o Catapereiro,
Cultivo o meu Casal, e do Ribeiro
Eu mesmo as águas para o campo tiro:

Depois que a recolher somente aspiro
Do meu trabalho o fruto verdadeiro,
Outros bens não pretendo, e deste Outeiro
Ao mundo enganador as costas viro.

Procure-os quem quiser: E diligente
Para os lograr o mercador ousado
Travesse o mar, e outras Nações frequente,

As Cortes passe; e em tudo afortunado
Títulos compre Ilustres: que eu contente
Sem eles vivo aqui; mas sossegado.

Vós que o mundo regeis, Padres conscritos,
(O que eu vos não invejo) e que prudentes
De promessas encheis aos pretendentes,
E de esperanças vãs aos Réus aflitos:

Vós que ledes processos infinitos;
Que sofreis cavilosos requerentes;
Cartas, memoriais impertinentes;
E por fim castigais poucos delitos.

Vós ficai-vos em paz; porque ocupados
Não deveis ser com cláusulas escritas
De quem sem pleitos vive, e sem cuidados.

Basta-me só que às vezes nas visitas
As vejam Petimetres namorados,
As ouçam sem desprezo as Senhoritas.

Quando contemplo o tráfico da vida
No bulício da Corte sempre incerto,
Parece-me esta Aldeia um Céu aberto,
Livre de tanto engano, e tanta lida.

Quando vejo a idade submergida
Passo no triste horror deste deserto;
De negro luto o coração coberto
Os olhos meus a lágrimas convida.

Em nada encontro alívio: na Cidade
Me enfada a confusão, e retirado
Das montanhas me assombra a soledade.

Não tem mais que afligir-me o duro fado;
Pois me faz com cruel contrariedade
Que viva em toda a parte magoado.

Oh, quanto vive alegre o que da Aldeia
A rústica vivenda se acomoda;
Adonde os campos lavra, as vides poda
E em santa paz o seu Casal granjeia.

Veste o burel peludo, e não receia
Que o culpe o mundo por faltar à moda
E sem que tema da fortuna a roda,
Com gosto almoça, e com sossego ceia.

Teme a Deus, teme ao Rei; e assim procura
Lograr dos anos seus o giro inteiro,
Sem que o fim lhe antecipe a parca dura.

Até que em braços de um fiel herdeiro
Ouvindo o Credo velho ao Padre Cura
Morre feliz na fé do Carvoeiro.

Aqui onde me trouxe o duro fado
A passar o melhor da minha idade,
Não tenho mais que a bruta sociedade
De algum tosco Vilão, que tange o gado.

Tudo o mais é deserto inabitado,
Despenhos, precipícios, soledade,
Que só pode oferecer comodidade
Para algum infeliz desesperado.

Aqui sobre uma penha esmorecido
Fico um dia talvez, e em tal segredo,
Que até nem de mim mesmo sou sentido.

E então, estupefacto, mudo, e quedo
Assi estou de meus males aturdido;
Qual junto de um penedo, outro penedo.

De que me vale a vida, se até agora
Só serviu de ocupar-me o sofrimento!
Melhor fora que um pronto acabamento
Me desse, a que me viu a primeira Aurora.

Se o não ser é um mal; devesse embora
Um fugitivo ser ao nascimento,
Porque ao menos me visse um só momento
Entrar no mundo, e dele sair fora.

Alma inocente o Letes transitara;
E aos Elísios alegre passaria,
Sem ter queixas que dar da sorte avara.

De enfados mil então me isentaria:
Porque lá certamente não topara
Tanto Peralta, e tanta Senhoria.

Brutos penhascos, rústicas montanhas,
Medonhos bosques, hórrida maleza,
Que me vedes, coberto de tristeza,
Saudoso habitador destas campanhas.

Para me suavizar mágoas tamanhas,
Alteremos um pouco a Natureza;
Civilize meu mal vossa dureza,
Barbarizai-me vós estas entranhas.

Meu pranto vos comova algum afecto
De branda compaixão; pois da impiedade
Encontra sempre em vós um duro objecto.

Pode ser, que com esta variedade,
Seja mais agradável vosso aspecto,
Sinta eu menos cruel minha saudade.

Tem hoje a nossa Língua tal decência
Que nada sem decoro pronuncia;
De um mísero você, faz Senhoria
De uma vossa mercê, faz Excelência.

Dos cómodos maridos a paciência
Logra a nobre expressão de galhardia;
Em vez de amor, nos diz galanteria,
E o que era medo um tempo é já prudência.

Em tudo o mais, com termos rebuçados
Brilha na locução a urbanidade;
Mas eu rústico sou por meus pecados:

O nome às cousas dou com claridade;
E falando conforme os meus passados
Ao Cura chamo Cura, ao Abade Abade.

Adeus, ó Porto adeus; fica-te embora,
Que eu já não posso mais; porque me cansa
Tanto chá, tanto Whist, tanta dança,
E tanta cousa mais que calo agora.

Não era há pouco assim: tudo empiora,
O bem se acaba, o mal raízes lança;
E tem-se feito em tudo tal mudança,
Que até por novo estilo se namora.

Adeus, pois: porque o resto de meus dias
Quero dar às lições dos desenganos
Sempre saudáveis, posto que tardias.

Adeus casas de brinco; adeus enganos;
Chichisbéus, Excelências, Senhorias;
Adeus Ninfas gentis, que fazeis anos.

Aqui sobre esta penha, que defronte
Me fica do Marão, sentar-me intento,
Para lançar ao mundo o pensamento
Antes que o Sol se meta no Horizonte.

Acolá vejo ao pé daquele monte
De uma pobre corrente o nascimento,
Que apenas deve à chuva um breve aumento
Já quer ser rio, e deixa de ser fonte.

já tal estrondo faz, e tal balborda,
Que tudo atroa; e assim que o vale ganha
Logo se espalha, e toda se tresborda.

Enxada, submergir quer a campanha,
Soberba quer ser mar; e não se acorda
Que a mijou ainda há pouco uma montanha.

Frequente-se o Teatro muito embora,
As nobres assembleias, o passeio,
O baile, o jogo, e todo o mais recreio,
Que faz a Portugal tão culto agora.

Dele se lance o barbarismo fora,
Resto infeliz do mauritano freio;
E devamos à França aquele asseio
Que tanto os seus alunos condecora.

Se a moda o quer assim, cale a censura,
Em quanto o Petimetre, e a Dama bela
Dança com gala; e canta com doçura:

Que o que se diz por aí de uma janela,
De um caso sucedido em noite escura,
E de outras cousas mais, é bagatela.

Enquanto to permite a mocidade,
Teu Pai disfarça, tua Mãe consente,
E enquanto, Nize a moda o não desmente
Nos brincos gasta a flor da tua idade.

joga, dança, conversa, e a variedade,
Que causa tanta prenda, assombre a gente;
Deixa-te ver, que o Século presente
Hoje chama ao pudor rusticidade.

Os corações de quem te aplaude enlaça:
Desfruta o tempo: e tem por aforismo
Que o gosto é fugitivo, a sorte escassa.

Engolfa-te de amor no doce abismo;
Busca o prazer; a vida alegre passa;
Logra-te enfim; que o mais é fanatismo.

Portugal, que era rústico algum dia,
Incivil, trapalhão, mal amanhado,
Está (graças à França) tão mudado,
Que o mesmo já não é, que ser soía.

A língua, o traje, o trato, a grossaria
Dos antigos costumes tem deixado:
É todo doce, é todo concertado;
E parece outro sua Senhoria.

Conversa, joga, dança; e o novo enleio,
Que entre os dous sexos logra, é tão decente
Que à sátira mordaz tem posto um freio.

Vive agora um marido mais contente;
Um Pai sem susto; e todos sem receio:
Ditosa condição! Ditosa gente!

Enxuga o pranto, ó Nize; e sossegado
Afouta mostra o rosto belo à gente;
Que um sucesso no mundo tão frequente,
Não deve ser por ti tão lamentado.

Tinha de ser: torne-se a culpa ao fado:
Tudo se esqueça, e viva-se contente;
Que em parte se confessa delinquente,
Quem não sabe ocultar o seu cuidado.

Não tens que recear; que à mocidade
Se perdoa um descuido; e sendo bela,
Até se lhe disfarça uma maldade.

A honra é nome vão, que só disvela
As rústicas vilãs: e a nossa idade
Toma os casos de amor por bagatela.

Vinde cá, doces Musas, que somente
Divertir-me convosco agora intento,
Pois neste solitário apartamento
Não é fácil sem vós viver contente.

Ao doce som da Cítara cadente
Daremos aos penhascos sentimento,
Pulsando vós o harmónico instrumento,
E eu cantando o mal, que o peito sente.

Tocai que eu principio: uma saudade
Expressada nas frases de harmonia,
Compaixão às montanhas persuade.

Mas ah! Quanto me engana a fantasia;
Pois movendo os penedos à piedade,
Mover não sei de Nize a rebeldia.

Ou fosse, Nize, em nós pouca cautela,
Ou que alguém pressentisse o nosso enleio,
Tudo se sabe já; tudo *é* já cheio,
Que algum cuidado há muito nos disvela.

Dizem, que eu sou feliz, que tu és bela;
E às vezes com satírico rodeio,
Um murmura, outro zomba, e sem receio
A fama cada qual nos atropela.

Mas se nunca se tapa a boca à gente,
E se amor sempre activo nos devora,
Porque aquele é mordaz, porque este ardente;

Adoremo-nos pois como até agora:
Siga-se amor; arraste-se a corrente;
E se o mundo falar, que fale embora.

Passa um minuto, um quarto, uma hora; um dia,
Uma semana, um mês, e um ano passa;
E é tão tenaz a dor, que me traspassa,
Que um instante de mim se não desvia.

Torna o Sol a girar, e a, tirania
Torna outra vez da minha sorte escassa;
Sem que o tempo, que as penhas adelgaça,
Lhe possa amolentar a rebeldia.

Corre um lustro, uma idade e finalmente
Corre uma vida; e a pena que me apura,
Em tanta duração se não desmente:

É sempre a mesma; entendo, que procura,
Se acaso além da morte um peito sente,
Descer também comigo à sepultura.

Fere igualmente amor o Rico, o Pobre,
O Moço, o Velho, enfim tudo sujeita;
E às vezes onde menos se suspeita,
Arde mais vivo, quanto mais se encobre.

Faz que um Herói ao seu poder se dobre,
Que desvarie um Sábio; e não respeita,
Nem da cabana a esfera mais estreita,
Nem do Palácio o resplendor mais nobre.

Nem dentro dos grilhões de uma clausura,
Contra os tiros cruéis do Aventureiro,
Encontra sacro abrigo a formosura.

Rompe pelo impossível derradeiro;
Combate as honras, a virtude apura;
E alista por vassalo o mundo inteiro.

Eu como, eu bebo, eu durmo, e sem receio
Do que há-de vir a ser, a vida passo,
Ora de Nize no gentil regaço,
Ora das Musas no sonoro enleio.

Às vezes pesco, às vezes jogo, ou leio,
E torres vãs também no vento faço;
Depois me vou meter naquele espaço,
Onde Descartes tinha o seu passeio.

De lá mil Orbes vejo, e de improviso
Soltando ao pensamento as vagas velas,
Turbilhões de cristal sem medo piso.

E pondo-me por cima das Estrelas,
Descubro a terra em baixo, e me dá riso
Contemplando do mundo as bagatelas.

De textos o Teólogo munido,

De aforismos o Médico, e o Letrado,
De tanta Lei, tanto Doutor cercado,
Trazem o mundo todo confundido.

Os Bens, o Corpo, a Alma, reduzido
Nos tem com mil questões a tal estado,
Que o absurdo maior, se é disputado,
Faz duvidoso o ponto mais sabido.

A verdade entre os tais se desfigura;
E das opiniões na competência
É tudo incerto, e nada se segura.

Sem dúvidas enfim não há ciência:
Mas o mal é, que nelas se aventura
A Fazenda, a Saúde, a Consciência.

Não é só, que na Corte se recreia
Com nomes estrondosos a vaidade;
Porque a ambição até na soledade
Empregos forma, e títulos granjeia.

O Barbeiro é Doutor na sua Aldeia,
O Lavrador Morgado, o Cura Abade;
E a Sobrinha, imitando as da Cidade,
Quer Senhoria, e Dona se nomeia.

O Juiz do Concelho é reputado,
Como se fosse um Rei de Augusta Estirpe,
E é tido um Escrivão por Magistrado:

E sem que esta ilusão se lhe dissipe
Da fantasia vã, quer ser tratado
Qualquer Capitão-mor, Conde de Lippe.

Se o génio a querer bem te persuade,
O génio segue ó Nize; que a beleza
Tributos também paga à Natureza
Nas humildes paixões da humanidade.

Respira: pois benigna a nossa Idade
Desabafos permite à gentileza;
Que força dar mais força à chama acesa,
O negar-lhe e todo a liberdade.

Ceda a glória ao amor: pois já tão dura
Se não sofre da honra a tirania;
Aperta um pouco sim, mas não apura.

E se amar crime foi em algum dia,
Tem hoje contra os golpes da censura
Em mais de um grande exemplo a apologia.

Já que esta noite o sono se demora
A entrar na solidão deste aposento,
Vamos por esse mundo, ó pensamento,
Antes, que o dia traga a roxa Aurora.

Governemo-lo em seco: e dele fora,
Como quem vê da praia o mar violento,
Demos a quem navega arbítrios cento,
Que pode ser, que algum lhe sirva agora.

Dizem por 'i; que tudo o Inglês abrasa
Em tantas Naus, como até aqui costuma;
Mas eu lhas fundirei dentro de Casa.

Dêem-me qualquer Rapaz, que de uma em uma
Vá lançar no paiol uma só brasa;
Que eu lhe farei que todas lhas consuma.

(Ironia crítica.)

Encosta, Nize, a roca, e na costura
A agulha prega, sem pegar mais nela,
Que o contínuo labor, que te disvela,
Se um tempo foi decoro, hoje é loucura..

De nossos bons Avós na idade dura
Se honrava na almofada uma Donzela;
Porém hoje é somente ilustre aquela,
Que em vez de trabalhar, brincar procura.

O génio pois do Século presente
Deixa correr; a ele te acomoda;
Que é Louca toda aquela, que o desmente.

Joga, dança, passeia, faze roda
Entre os Peraltas vãos, e até consente,
Que te falem de amor, que o manda a moda.

(Crítica à perdição dos costumes.)

Ide, Damas do Porto, ide ao passeio;
Ao Teatro, ao Café, ao Jogo, à Dança;
Deixai-vos ver, enchei-vos de esperança,
E sede doce objecto ao nosso enleio.

Ide: que o tempo passa; e de eras cheio,
Se se não logra, nunca mais se alcança:
E talvez numa tímida tardança
Se perde o instante dum feliz recreio.

Ide, vinde, voltaí; e o vão cuidado
De um falso pundonor ocupe aquelas,
Quem têm uma Mãe séria, um Pai pesado.

Ou fique para algumas tão singelas,
Que julgam não poder tomar estado,
Depois que se desfazem de Donzelas.

(Contra a crítica do Autor por um Anónimo.)

Se a Mulher por não ser Anacoreta,
Afastada do mundo, e trato urbano;
Se o Homem por civil, palaciano,
São objecto da crítica indiscreta:

Todo o género humano então se meta
Nos Claustros do Buçaco antes dum ano:
Mas o mesmo, que prega o desengano,
Talvez não comerá tão dura peta.

Pois a não a comer; qual é o fruto
De seu conselho? Quanto a mim aposto,
Que o triste paga à Igreja o seu tributo.

Que quem com tão sofisticado suposto
Neste ponto argumenta; a não ser bruto,
É ginja antigo, e destes do meu gosto.

(Resposta do Autor.)

Eu não digo que seja Anacoreta
a Mulher, nem que deixe o trato urbano;
O Homem pode ser palaciano,
Sem loucura seguir tão indiscreta.

Mas se tu tens mulher, diz-lhe se meta
Nesses tratos civis; que antes de um ano
O tempo te dará o desengano,
Chorando sem remédio a dura peta.

Porém creio não heis de tirar fruto
De tão justo conselho; porque aposto
Que pagas à vaidade um grão tributo.

Pratica as francesias; no suposto
De que à força te queres fazer bruto,
E ser mesmo Cornélio por teu gosto.

Ó vós, Sábios Varões, que lá na Aldeia
Aos filhos lições dais de economia,
E lhe ensinais, que a luz de uma bugia
Faz despesa maior, que a da candeia:

Vós, que ao lume comeis no Inverno a ceia
De caldo de unto, e de batata fria,
Que tendes um rocim na estrevaria,
E um Moço só, que as hortas vos granjeia:

Vós fazeis muito bem, poupai, que é justo;
Que um Fidalgo talvez se condecora
Em não causar aos seus Credores susto.

Poupai, e sede Ilustres muito embora;
Mas querer Senhoria a pouco custo,
Isso se usa no Porto, e não cá fora.

Musas trajei de luto descontentes,
E sobre as bordas do soberbo Douro,
Os instrumentos marchetados de ouro
De algum trono infeliz deixai pendentes.

As grinaldas depende, e as doudas frentes
Cingi de murta infausta em vez de Louro;
Porque servem as galas de desdouro,
Onde se vêm as lágrimas descentes.

Enfim chorai, pois quis a tirania
Do caso mais cruel, que urdiu o fado,
Desfazer-vos do Porto a Academia.

Só reservai por breve desenfado,
O poder ide rebuço ir algum dia
Ouvir tocar viola o Corcovado.

(Ao Terremoto de 1755.)

Inunde o mar as áridas campanhas;
Tremam os Remos, tombem-se as Cidades;
E ferida de mil iniquidades,
Revolve a terra as trémulas Entranhas.

Funda-se o mundo enfim, que irias tamanhas
São menores, que as nossas impiedades:
Sepulte de uma vez tantas maldades
Do Abismo a boca, a queda das montanhas.

Mas que rebelde eu sou! que delinquente!
Porque vejo, ó Senhor, e não me espanto,
Gemer em convulsões o Continente.

Que se há-de esperar mais, se assombro tanto
Os montes move, e não comove a gente?
Devem os homens carecer de pranto.

Que escuto, e sinto, ó Deus! Não sei que soa
Por modo nunca ouvido: o Tejo cresce:
Abalam-se as montanhas; e parece,
Que o mar com novas ondas nos atroa:

Casas, Palácios, Templos desprova
És te medonho som, que me esmorece:
A gente pasma, a terra se estremece:
O fogo prende; e funde-se Lisboa.

Que será? Quem o sabe?.. O entendimento
Se perturba de horror; e em tanto estrago
Está vendo um final acabamento.

Ah, Lísia! queira o Céu que hoje presago
Não seja combatido pensamento!..
Lembre-te Tróia, avise-te Cartago.

Geme o Centro mortal, o Abismo estala,
O Vento se enfurece, o Céu se enluta;
Do mais enorme peso a massa bruta
Rompe em soluções, em tremor se abala.

O mar o seu prefixo termo escala;
Na prisão subterrânea o fogo luta,
E horrores vomitando em cada gruta,
Com medonho estridor o Inferno faia.

Tanta desordem, tanto desconcerto
Nos Elementos todos, são indício,
Que a ruína universal vem já mui perto.

E o mais certo sinal do precipício,
É crescer sem temor o desacerto,
E subir nos mortais sem termo o vício.

Se nesse dia enfim, que um ano agora
Completa infausto, a discorrer me ponho,
Parece que deliro, finjo, ou sonho,
Todo suspenso, todo de mim fora.

Do juízo universal a infeliz hora
Foi retrato tão vivo, e tão medonho,
Que até se ouvia ao longe o som tristonho
Da trombeta final despertadora.

Um ano há que brada a Providência
A Portugal: e Portugal não torna
De Sodoma, e Nínive a experiência.

Acabe pois, que a vara já se assoma,
De Nínive a imitar a penitência
Por fugir aos estragos de Sodoma.

Estes da terra bárbaros tremores
Fazem que evite arrependida a gente,
Os jogos vão, a música cadente,
As belas Vénus, os gentis amores.

Todos mudam de vida nos horrores
Deste caso infeliz; e tão somente,
Cingido de cilício penitente,
Envia o mundo ao Céu tristes clamores.

Sigamos pois com ânimo devoto
Os mesmos movimentos de piedade,
Que dos mais homens na mudança noto.

Rompamos os enleios da vontade;
Mas ai que em se acabando o Terremoto,
Esquece-se o temor, lembra a vaidade!

Dorme em pobre aduar; porém sem susto
Treme a Terra o vago Árabe sente:
Na Cenzália o Tapuia; e docemente
Na tosca tenda o Tártaro robusto.

Fabrica cada qual reparo justo
Já contra o frio, e contra a calma ardente;
Sem que esta, que se chama inculta gente,
Tema o despenho do Palácio Augusto.

Assim, douto Azevedo, hoje te ensina
A rude convulsão, que o mundo abana,
A seguir dos Selvagens a doutrina.

Na choça está segura a vida humana:
Nela descansa; pois que da ruína
Se livra por humilde uma Cabana.

Eu bem sei, Portugal, que tu não queres
Que ninguém te descubra as tuas faltas:
Tu folgas de prazer de gosto saltas;
E disto as consequências não inferes.

Vês homens misturados com mulheres
Em banquetes, em jogos, danças altas;
Elas na casquilhice mui Peraltas,
Eles na chibantice todos eres.

Ah pobre Portugal! Muito me espanto,
No que noto no teu contentamento,
Devendo ser em ti contínuo o pranto.

Eu bem sei, que o respeito é muito atento;
Mas sempre há-de cair, quem não for Santo,
Ou por obra, palavra, ou pensamento.

A Manhã fresca está, sereno o vento,
O monte verde, o rio transparente,
O bosque ameno; e o prado florecente
Fragrâncias exalando cento a cento.

O Peixe, a Ave, o Bruto, o branco Armento,
Tudo se alegra; e até sair a gente
Dos rústicos casais se vê contente,
E discorrer com vários movimentos.

Este cava, outro ceifa, e aquele o gado
Traz no campo ia pastar de posto em posto;
Outro pega na foice, outro no arado.

Tudo alegre se mostra; e só disposto
Tem contra mim o indispensável fado,
Que em nada encontre alívio, em nada gosto.

Oh, quanto custa, Nize, o nosso afecto!
Peleja-te uma Mãe, ralha uma Tia;
Um Irmão te incomoda, e desconfia
Um Pai, que se acautela circunspecto.

Da noite nos põem medo o negro aspecto,
Um Rebuçado passa, outro assovia;
Ladra um cão, range a porta, e nos vigia
Algum vizinho teu pouco secreto.

Este o diz a qualquer; outro lhe aumenta
Um ponto mais, que ao nosso caso ajusta;
Outro enfim na palestra o representa.

Publica-se o sucesso; e a sorte injusta
Com remorsos depois nos atormenta:
Oh quanto, Nize, o nosso afecto custa!

Nize, eu não sou de ferro, e atenuado,
Ainda que o fora, o uso me teria;
Porque enfim do trabalho na porfia
Se consome o metal mais obstinado.

Instrumento não há tão reforçado,
Que resista do tempo à bataria:
Gasta o martelo a safra, e a terra fria
Pouco a pouco consome o curvo arado.

Tudo assim é: o amor o mais ardente,
No contínuo incêndio se evapora;
E o mesmo me acontece ultimamente.

Outro procura pois; e te melhora
De amante, ou mais afouto, ou mais valente;
Que eu já não posso mais; fica-te embora.

Nize, fica-te em paz: que ou tarde, ou cedo
Se havia de deixar tanta loucura;
E o mundo observador, que tudo apura,
Seja a quem for, não quer guardar segredo.

Todos fazem reparo; e eu tenho medo
De ser objecto da mordaz censura:
Um, de nós se lastima, outro murmura
Outro zomba, outro enfim nos mostra ao dedo.

Não demos que falar: rota a corrente
Se pendure no Templo da decência;
E se tape com isto a boca à gente.

E se inda algum gritar, haja paciência;
Que fazendo-se a emenda aos mais patente
Basta a vencê-lo a força da inocência.

Calmou-se o Vento: e o Sol, que as horas guia,
Com força tal por toda a parte intesta,
Que o triste Lavrador limpando a testa
Resistir já não pode ao meio dia.

Cada qual dos seus raios se desvia:
Na Lapa o peixe, a Ave na floresta,
Na cova o bicho; e os homens vão da sesta
Refúgio procurar na sombra fria.

Um se encosta, outro assenta, outro deitado
Da relva faz colchão, do Campo leito:
E tudo à fresca dorme sossegado.

Eu tão somente todo o abrigo enjeito;
Porque às chamas de amor acostumado
Sinto maior calor dentro do peito.

Olha Nize, vem cá; falemos claro:
Já agora a tua história está sabida;
E loucura será mudar de vida,
Se nunca há-de calar-se o mundo avaro.

Inda que, de virtude exemplo raro,
Te mostres do passado arrependida,
Nada com isso alcanças; que perdida
A honra uma só vez, não tem reparo.

Se faltaste ao dever, e a sorte escura
Eterna nódoa sobre ti derrama,
O afecto ao menos conservar procura.

Torna outra vez de amor à doce chama;
Que será duplicar a desventura,
Perder o Amante, e não cobrar a fama.

Ei-lo lá vem; que já na sombra fria
Se esconde ali daquela verde planta;
E apenas abre o bico, e a voz levanta,
Objecto é de temor, e zombaria.

Teme o Casado o mal, que lhe anuncia;
O solteiro se ri: pois quando canta,
Se com presságios ao primeiro espanta,
Avisos gratos, ao segundo envia.

Chote daí, Ave importuna, e feia:
Vai-te pousar em ramos mais subidos,
E deixa em paz os matos desta Aldeia.

Lá tens do Douro os Álamos crescidos,
Onde gente polida só passeia;
E onde agouros não crêem tantos maridos.

Não se deve estranhar a quem murmura:
Foi sempre o mundo assim; e a nossa idade
Produz com infeliz fecundidade
Gente que tudo róí, tudo censura.

Para os quais não há cousa mais segura
Que mostrar à mordaz malignidade,
Que me sei emendar, sendo verdade,
Que a posso desprezar sendo impostura.

Na emenda a ficar venho melhorado;
Airoso no desprezo: e conseguido
Tenho sempre algum bem sendo notado.

E assim um falador enfurecido
Em vez de dar-me causas de indignado,
Me ministra razões de agradecido.

Oh, mal haja da França a habilidade,
Que assim nos impingiu os seus costumes
Nas merendas, nos jogos, nos perfumes,
Com que vai estragando a mocidade.

Andarem de contínuo em sociedade
Os homens, e mulheres em cardumes,
Sem cautelas, receios, nem ciúmes;
E a isto hão-de chamar civilidade!

Olhai, homens coitados, a quem toca
Zelar a própria honra com disvelos,
Que a experiência a todos vos convoca:

Vigiai, e vereis, que esses Marmelos
Namoram com os olhos, com a boca,
Com os pés, com as mãos, e cotovelos.

Esta, que obrou aonde nasce a Aurora,
Destro lavor de bárbara Donzela;
Esta, 6 Taveira, matizada ourela
Desenrola outra vez como até agora.

Adorne os Pavilhões, que amor arvora,
E em teu poder acene à Ninfa bela,
À Matrona gentil, e enfim àquela,
Que ao longe vês, e enclausurada mora.

Recebe-o, pois, que é teu: e se a ventura
Te deparar encontros mais felices
Com ele enxuga o rosto da ternura.

Porque a mim, apesar dos seus matizes,
Só serviu, maculando-lhe a figura,
De limpar o tabaco dos narizes.

Se acaso dos meus olhos a corrente.
Que triste às minhas vozes se mistura;
Se acaso o afecto meu te não segura.
Abre-me, Ingrata, abre o peito ardente.

O coração me arranca, e o sangue quente
Lhe derrama cruel, lhe sorve impura;
Verás que em cada gota então te jura
O amor mais firme, a fé mais permanente.

E se ainda assim, esse teu génio ingrato
Duvidar com incrédula impiedade
Da constante pureza do seu trato;

Vai queimá-lo nas aras da lealdade;
E verás como o fumo aos Deuses grato,
Se eleva aos Céus, guiado da verdade.

Ou tu sofre, Senhora, o nosso affecto,
Ou deixa de ser bela, na certeza
Que enquanto te assistir tanta beleza,
Os teus laços trarão o mundo inquieto.

Não querer ser amada é um projecto,
Que ofende as mesmas Leis da Natureza;
Pois ela só produz a gentileza,
Para a fazer de amor um doce objecto.

Dos nossos cultos pois intolerante
Não deves ser; porque é pensão forçosa
Render à formosura a fé constante.

E se inda assim nos culpas rigorosa;
Conhece, que se é crime o ser amante,
Será também delito o ser formosa.

Jurou-me, Nize, um dia, e na lembrança
A grande imprecação tenho presente;
Jurou-me que a partisse um raio ardente,
Se houvesse de fazer no amor mudança.

Afirmou-mo com tanta segurança,
Disse-mo tão deveras, que eu contente
Cuidei que assim seria, e finalmente
Pus de parte a fiel desconfiança.

Mas enganou-me a falsa; sem que irado
Contra a gentil sacrílega perjura
Fulmine o Céu o fogo deprecado.

Pois que dar-lhe o castigo não procura;
Ou Júpiter não pode, ou namorado
Também guarda respeito à formosura.

A Corrente cruel, com que até agora
Amor preso me traz, por mais que eu faça,
Nem com o uso os elos adelgaça,
Nem com a lima em parte se minora.

O tempo que até mármore devora,
Que tudo róí, que tudo despedaça,
O tempo digo, o tempo enfim se passa,
Sem que da planta má façuda fora.

Bronto adusto a forjou na frágua acesa,
Adonde o cego Nume outras tem feito,
Mas nenhuma com tanta fortaleza.

Porque quis por deixar-me mais sujeito,
Bater um ferro de maior dureza;
E Nize lho inculcou dentro em seu peito.

Amor, é um arder, que se não sente;
É ferida, que dói, e não tem cura;
É febre, que no peito faz segura;
É mal, que as forças tira de repente.

É fogo, que consome ocultamente;
É dor, que mortifica a Criatura;
É ânsia a mais cruel, e a mais impura;
É frágua, que devora o fogo ardente.

É um triste penar entre lamentos;
É um não acabar sempre penando;
É um andar metido em mil tormentos.

É suspiros lançar de quando, em quando;
É quem me causa eternos sentimentos;
É quem me mata, e vida me está dando.

O Dia vai perdendo a claridade,
O gado deixa o pasto, e se espaventa,
A ave incerta voa, e se afugenta,
Agourando a pendente tempestade

De um medonho pavor a soledade
Parece que se cobre: chove, venta,
E em relâmpagos trémulos rebenta
Daquela nuvem negra a escuridade.

Acolá deu um raio, que aturdido...
Mas lá vem Nize, e vem com tal cuidado,
Que bem mostra o temor... Tenho entendido.

O medo a traz: e eu sou tão desgraçado,
Que para ver-me a ela um pouco unido,
É preciso, que encontre o Céu irado.

Tu queres, Nize, oh quanto podes, quanto
Sobre o sacro poder da liberdade!
Tu queres, que a chorada falsidade
Se desdiga outra vez em novo canto.

Que o mundo torne a ouvir, com mudo espanto,
Chamar-te em vez de falsa, Divindade:
E em lugar de culpar-te a variedade,
Dizer que sempre foste o meu encanto.

Assim será, se ficas bem comigo:
A vergonha, o dever rompe, e atropela;
Que eu me sujeito a tudo por castigo.

Oh vós, que já me ouvistes sem cautela
Contra Nize gritar; eu me desdigo:
Se faço mal, não sei; só sei, que é bela.

Eu vi fender sem medo o raio ardente
Daquela torre a abóbada sombria,
E tanto estive em mim, que, me sorria,
Quando se lamentava a mais da gente.

Eu nem sei se atrevido, ou se valente
A vi tremer naquele infausto dia,
Que mostrava, que a terra se fundia,
Ou se desconcertava o Céu luzente.

Qualquer extraordinário movimento
Primeiro pelo estudo contemplado,
Já não me sobressalta o encantamento.

Somente de pavor fico assombrado,
Pasma, fuge-me o sangue, e desalento,
Quando sinto de Nize um desagrado.

Senhora Nize, a verde mocidade
Já lhe tem dito adeus, tenha paciência;
Porque Dama não há, que resistência
Saiba fazer dos anos à crueldade.

Tudo o tempo destrói: e esta verdade
Principia a chorar vossa Excelência;
Quando não, meta a mão na consciência,
E mostre a certidão de sua idade.

Deixe-se pois de entrar nas Danças altas,
De assembleias, de jogos; finalmente
De ouvir Cadetes, e escutar Peraltas.

Olhe que já por si murmura a gente;
E lhe diz que depois de certas faltas,
O ter sobras de amor fica indecente.

(Ao Nascimento do Primogénito de Teotónio Manuel de Magalhães e Azevedo, de quem foi padrinho o Sereníssimo Senhor D. José Primaz de Braga.)

Deram-te Ilustres Pais, belo inocente,
Do sangue que te anima o movimento:
Deu-te um Príncipe a mão no Sacramento,
Que outro ser te formou mais permanente.

Do Espírito Celeste a chama ardente
Te faz maior no dia o luzimento:
Tudo enfim grande foi, porque portento
O mundo já do berço te experimente.

Vaticine-te logo o vago engenho
Felicidades mil; pois neste dia
Por ti já mostra o Céu tão raro empenho.

Mas aonde me leva a fantasia!
Se a fortuna fará no desempenha
Diminuta a mais grande profecia.

Um homem com um chambre roçagante,
Com óculos, chinelas, e barrete,
Sentado em um pequeno tamborete,
Quatro livros detrás em uma estante:

E tendo pela parte de diante
Vários Feitos mui velhos num bufete;
Também, para chamar pelo Pacote,
Campainha que toque a cada instante:

Na saia seis cadeiras encouradas,
Tinteiro muito bem aparelhado,
Umas Ordenações muito cotadas:

Fingir-se a quem entrar muito ocupado;
Olhar se sobe alguém pelas escadas;
Eis aqui, meus Senhores, um letrado.

Eu que me ri dos vãos encantamentos,
Que a Mágica sagaz nos prometia,
Das cifras vãs, das ervas que colhia,
E dos seus infieis prometimentos.

Que tive por gostosos fingimentos
Os bens, que aos seus alunos oferecia;
Enfim, eu que fiz sempre zombaria
Dos aparatos seus, dos seus protentos:

Eu mudei de sistema; pois me obriga
A verdade a que creia esses espantos,
Que nos guardou tenaz a idade antiga.

E se alguém duvidar de assombros tantos;
Ouça cantar a Arminda; e depois diga,
Diga, se é certo, ou não, haver encantos.

Que se lhe há-de esperar! De dia, em dia
Não se dilate, ó Nize, a penitência;
Que quando é contumaz a resistência,
Desabona o perdão na rebeldia.

Deixe-se o antigo enleio; que seria
Insultar todo o Céu na persistência:
E o remorso subtil da consciência
Roa enfim o grilhão, que nos prendia.

Eu resoluto estou; porque contrário
Não quero ser à voz, com que a piedade
Branda me bate ao peito temerário.

Adeus! Viva a razão, morra a vontade:
Falou-me ao Coração o Missionário,
As vozes ainda escuto da verdade.

Embora jacte um Sábio um firme alento,
Um coração robusto, uma alma forte,
Capaz de desprezar da infausta sorte
O mais feroz, o mais cruel tormento.

Sobre os ombros do mudo sofrimento
Do fado iníquo as sem razões suporte;
E veja, sem pavor da escura morte,
Fundir-se o chão, cair-se o Firmamento.

Eu tudo lhe concedo; unicamente
Lhe peço, que contemple um breve instante
Dos olhos de Beliza a luz ardente.

Depois se a resistir-lhe for bastante,
Rompa as artérias, Séneca prudente;
Trague a Cegude, Sócrates constante.

(A um Arco, que se levantou ao Nascimento do primogénito de Manuel Cardoso de Loureiro Vasconcelos e Lacerda.)

Assim que um homem nasce, principia
Esta vida infeliz com tal quebranto,
Que parece que o Céu, ainda que Santo,
Só para o ver chorar no mundo o cria.

Abre os olhos mortais, mas desconfia
Na suspensão do seu primeiro espanto,
Se é para os encher de triste pranto,
Se para receber a luz do dia.

Nenhum se isenta desta lei tão dura;
Pois com presságio infausto a sorte avara
Logo ao nascer as lágrimas apura.

Só tu de excelsos Pais, Prole preclara,
As deves enxugar, porque a ventura
Triunfos mil neste arco te prepara.

(Ao mesmo assunto, com a circunstância de nascer em dia do Patrocínio de S. José, e porem-lhe o mesmo forno)

Deveis, Infante belo, o nascimento
Ao Consorte da Virgem Sacrossanto;
Porque, para formar prodígio tanto,
Vos deu seu Patrocínio hoje o alento.

Deveis a glória toda do Portento
À protecção feliz do grande Santo;
Porque juntos vos deu com nosso espanto
O dia, o lustre, o nome, o luzimento.

Mas de quanto deveis, a conjectura
Presume com diversa subtileza,
Que quereis com o Céu fazer usura;

Pois devendo a José tanta grandeza,
Tendes no mesmo empenho mais segura
De graças imortais maior riqueza.

(Ao mesmo assunto.)

Crescei José gentil, as nobres frentes
Aos egrégios Loureiros preparando,
Que para vos ornar foram cortando
Os vossos sempre claros Ascendentes,

Crescei feliz, as palmas inocentes
A despender riquezas ensaiando,
Que os Vínculos agora descansando
Estão no sucessor já permanentes.

Enfim crescei; mostrando produzida
A graça, nesse aspecto, sempre pura;
A virtude, nessa Alma sempre unida.

Sereis, (pois tudo o Céu vos assegura,)
Sereis da bela Mãe prenda querida,
Sereis do Ilustre Pai glória segura.

(Ao mesmo assunto.)

Crescei forte, gentil, preclaro Infante,
Crescei, mostrando já, com raro efeito,
Do egrégio Pai o ânimo no peito,
Da excelsa Mãe, a graça no semblante.

Alcides fez o mesmo; e foi bastante
A deixar ver, ao berço inda sujeito,
Que para ser Herói o havia eleito
Desde as faixas pueris o Céu brilhante.

Vós o imitais, Menino: e por certeza
De ficar vaticínio, a conjectura
Vos abona o valor, e a gentileza.

E tanto esta esperança se segura,
Que já fazeis amável a viveza,
E ostentais respeitada a formosura.

Porque inventou fazer da Alma notória
Qualquer oculta ideia em breve escrito,
Não devera esperar o Herói do Egipto,
Nem somente um louvor da douta história.

Dessa sua invenção lhe rouba a glória
O fazer do papel largo destrito
Para tantas traições, cujo delito
Lhe deixa detestável a memória.

Expõem-se a mil desastres, e sujeito
Vive todo o segredo a ser patente;
Que às letras confiou leve conceito.

É Nize disto a prova: incautamente
Sobre um papel lhe expus todo o meu peito;
Ela o mostrou: foi Cadmo o delinquente.

(Aos versos Alexandrinos)

Musas, deixai-me em paz, que a heróica harmonia.
Com que adornais de novo a língua Portuguesa,
Dos rudes lábios meus metida na dureza,
Em vez de consonância horrores causaria.

De engenho mais feliz ocupe a valentia
Metro, que de um Herói tem nome, e tem grandeza;
Que eu para me sorrir de alguma louca empresa,
Nos números da Pátria encontro a melodia.

Mas se vós pretendeis com temerário intento
Lançar do sacro monte aqueles versos fora,
Que fazem imortal o Luso atrevimento;

Que conduzindo o Gama às regiões da Aurora,
Lhe são da glória sua eterno monumento:
Musas, se tal quereis, fique-se o Pindo embora.

Mertilo.

Nize, de duas uma; pois seria
Continuar na nossa aposta empresa,
Em mim, mais do que excesso de fineza,
Em ti mais que rigor de tirania.

Ou eu devo deixar esta porfia,
Ou tu deves depor tanta fereza:
Escolhe, evitaremos a incerteza
Se pode mais o amor, se a rebeldia.

Nize. Se o teu empenho só nisto consiste,
Eu o tenho que fiques satisfeito
Da queixa, que contrária nos assiste.

Não deve o teu cuidado ser aceito;
Porque quem na fineza não persiste,
Não pode ter paixão de amor perfeito.

Adeus (que triste adeus!) adeus ó vida,
Que assim o determina a dura sorte:
Não há mais que esperar; o fatal corte
Executa o preciso da partida.

Não tem remédio: eu vou, prenda querida,
Sentindo dentro na alma a dor mais forte:
Eu não sei como há peito que suporte
A veemência cruel desta ferida!

Ó vós que amantes sois, e que a violência
Sentistes de um retiro, por piedade
Fazei-me no meu mal correspondência.

Dizei-me, se haver pode mais crueldade,
Que padecer o golpe de uma ausência,
Quem sabe sentir bem uma saudade.

Eu bem as vi, mas foi, Rocha erudito,
Arrotar tão de chofre dentre o mato,
Que o Caçador um pouco estupefacto,
Em lugar de atirar-lhe, deu um grito.

Passaram-se depois a tal Distrito,
Donde apenas trepar pudera uns gato;
Sem falar no desconto de um regato,
Que resiste ainda aos saltos de um cabrito.

Nisto chegou a noute: e ao outro dia,
Ou porque o cão levava maus narizes,
Ou porque alguma Velha nos benzia;

Corremos sem topá-las mil Países:
Bem sei que isto ao primor me não desvia,
Mas esta é toda a história das Perdizes.

Ah, pobre Coração como no peito
Palpitas, ainda amante duma Ingrata,
Que com tantos desprezos te maltrata,
Que tantas falsidades te tem feito!

Inda escravo fiel vás com respeito
As correntes beijar, que amor desata;
E a bárbara infiel, que assim te trata.
Rindo alegre de ver-te tão sujeito.

Ora acabe duma vez pena tão dura,
Sem que o teu movimento descomponha
Uma cega paixão que há tanto dura.

Um firme desengano te disponha
A deixar de uma vez esta loucura,
Quando não por vontade, por vergonha.

Bruta montanha, bárbaro rochedo,
Altas penhas, medonhos precipícios,
Do templo do despenho frontispícios.
Ou rudes simulacros do segredo:

Aqui donde o pavor, e donde o medo
À vista of'recem fúnebres indícios;
E para os mais infaustos sacrifícios
As aras formam de qualquer penedo:

Aqui de Lísia ingrata abandonado,
Funesta habitação é bem que tenha
Triste, saudoso, amante, e desgraçado.

Só assim minha dor se desempenha:
Porque posso encontrar desesperado
O remédio a meu mal em cada penha.

Se o seu destino cada qual formara,
Mil caprichos no mundo então veria;
Vira um Rei que a Pastor se abateria,
E um pastor, que a ser Rei se sublimara.

Modesto algum as pompas desprezara;
Outro soberbo as honras buscaria:
Este descera, aquele subiria;
E outro a ser o que foi talvez tornara.

Eu mesmo, bem que em pouco me magoa
O que a sorte me deu tão triste estado,
Eu mesmo mudaria de pessoa.

Fora Frade talvez, talvez Soldado;
Tudo o mais fora (Nize enfim perdoa)
Mas não seria em tempo algum casado.

(Ao M. do P.)

Se a vista lanço à Tropa Portuguesa,
Se ao Lusitano estudo o pensamento,
Não sei julgar se as Armas de ornamento,
Se ao Reino as letras servem de defesa.

Parece que, mudada a natureza,
Equivocam de sorte o luzimento,
Que as esquadras às leis dão fundamento,
Que a Ciência à Milícia dá firmeza.

A união foi feliz, e tão preclara,
Que ao Patrono imortal, por quem floresce,
A glória aumenta sim, mas não separa:

Com igualdade tal se enlaça, e cresce;
Que Marte a seu saber glórias prepara,
Apoio a seu valor palmas ofrece.

Vinde novos Heróis, vinde, e as Correntes
Salvai triunfantes do soberbo Douro:
Ele vos viu partir, e sem desdouro
Ele outra vez vos vê voltar contentes.

Vencestes o Espanhol; cingi as frentes
Da Augusta palma, e do sagrado Louro;
E as rotas Armas guarnecidas de ouro
Deixai no Templo por troféu pendentas.

Rendei graças aos Deuses: as Consortes
Constantes abraçai; e ao caro Amigo
Da vossa espada referi os cortes.

Um conte os casos seus, outros o p' rigo.
As domadas Nações, a guerra, as mortes;
Mas não digais que vistes o Inimigo.

A Gente, as munições, o trem de Guerra,
Enfim a nossa Armada já tamanha,
Que ora seja em Quartéis, ora em Campanha
Com cem mil homens o Inimigo aterra:

Turim sagaz, Veneza que não erra,
Holanda astuta, e parte da Alemanha;
Tudo se moveu contra a pobre Espanha,
Sem falar nas Esquadras da Inglaterra.

A França faz a paz; o Turco a ajusta;
E outra vez pelo golfo Guaditano
Passar intenta o Mouro em leve fusta:

Tudo em nosso favor e alheio dano
A discórdia resolve, e Marte assusta;
O ponto está que o creia o Castelhana.

Do toque do tambor arrebatado,
Das lágrimas de Nize comovido,
Digo adeus... Volto atrás... e dividido
Me deixa a cada impulso igual cuidado.

Ouçõ o sinal da marcha, e corro ousado;
Chora o meu bem, e paro enternecido.,.
E de affectos contrários combatido,
Nem bem Amante sou, nem sou Soldado.

Do dever e do amor nesta igualdade,
Os passos meus não sei como componha;
Que o ficar é labéu, partir crueldade.

E enquanto cuido enfim qual anteponha
Lamento do partir toda a saudade,
Padeço do ficar toda a vergonha.

Nize me prometeu, e por certeza,
Às promessas juntando juramentos,
Que até nos mais ocultos pensamentos
Me havia de guardar fiel firmeza.

Eu assim o entendi: cuidei que presa
Tinha a bela infiel aos meus intentos;
Pois não cuidei que feios fingimentos
Sabia produzir uma beleza.

Ora fie-se lá qualquer amante
Nas promessas, na fé, no belo dito,
Para prova de haver amor constante:

Fie-se, vendo a dor com que repito,
Que soube o mais belíssimo semblante
Encobrir o mais pérfido delito.

Enquanto tu, douto Ministro, atento
Mais às Leis do dever, que às da vontade,
Mostras que pode a flor da mocidade
Servir no altar da Astreia de ornamento:

Enquanto duvidar o pensamento,
Se mais honras a nova Dignidade,
Em lhe dar maior lustre na piedade,
Ou maior na Justiça luzimento:

Enquanto enfim, amado Presidente,
Do Povo, ao teu disvelo encomendado,
Lhe escutas o louvor o mais decente:

Enquanto fazes isto; eu embrulhado
No grosso baetão passo em Jazente
Com menos honra sim, mas sossegado.

Diz uma austera Dama, que se acende
O peito mais modesto em qualquer dança,
Porque a mão que se dá numa mudança
Nas algemas cruéis de Amor se prende.

Diz que arrisca o pudor toda a que aprende
A língua, o trato, e o mais que vem de França;
Que o jogo é mau, que uma assembleia cansa,
Que o mundo fala, e o pundonor se ofende.

Assim diz; mas enfim aos seus temores
Lhe respondem sujeitos concertados,
Que deixe esses fanáticos rigores;

Porque ao menos são gostos mais honrados
Escutar claramente alguns Senhores,
Do que ouvir em segredo alguns Criados.

Quando, Dama gentil, quando imagino
Das graças, que te adornam, na grandeza,
Entre a tua virtude, e entre a beleza,
Absorto pasmo, e não me determino.

O teu génio parece-me divino,
Celestial a tua gentileza;
E sou, de dous impulsos na incerteza,
Fiel adorador, e amante fino.

Uma tal união em ti tem feito
O teu recato, a tua formosura,
Que me traz indeciso sempre o peito:

Pois de um, e outro afecto na mistura,
Te busco amante, e cuidado que é respeito,
Te adoro atento, e julgo que é ternura.

Pastoras deste monte, que até agora
Ouvistes junto ao Tâmega contente
Cantar Almeno, ou variar cadente
Da atravessada tibia a voz sonora:

Vós, que dos anos na primeira Aurora
Logo o vistes brilhar; e finalmente
Destas ribeiras o vereis ausente,
Pois casa além da serra, e vai-se embora:

Trajai de luto pois: e em vez de flores
Cortai na ausência sua por piedade
Ramos de murta, emblema dos horrores.

Dos rostos desterrai a claridade;
Porque, para incentivo dos amores,
Não tendes outro mais, que o da saudade.

Enquanto, douto Amigo, em vário enleio
O teu litígio nunca me descansa,
Pois ou te anima a crédula esperança,
Ou te acobarda o tímido receio:

Enquanto ora a palestra, ora o passeio,
Porque amor já suponho te não cansa,
Ora os Livros talvez, que vêm de França,
Te servem nessa Corte de recreio:

Enquanto enfim dos versos esquecidos,
Com que fazer-te rir um tempo pude,
Dás a mais douto plectro atento ouvido;

Eu neste albergue solitário, rude,
Te faço ao meu borralho reduzido,
Com o copo na mão esta saúde.

Já corre viração, o Sol declina;
E da mosca importuna livre o gado,
Deixa o curral, e vai pastar no prado
Ao som da frauta, que Silvandro afina.

Acolá vem Daménia, ela imagina,
Que ninguém lhe percebe o seu cuidado;
Olhem a pobre, vejam o coitado,
Como mostram a dor que os amofina!

Eu também, como os outros amadores,
Um tempo dos grilhões fiz louco alarde,
Por isso tenho dó dos mais Pastores.

Mas já, graças ao Céu, menos cobarde
Zombo de Amor, e em vez dos seus favores,
Guardo os meus Bois, enquanto dura a tarde.

Amor tudo avassala: a mocidade,
A velhice, os varões, a todos acende;
E chega onde talvez menos se atende,
Roubando aos corações a liberdade,

Não perdoa no Sólido à Majestade;
Na cabana ao Pastor; com tudo entende,
Zomba dos Sábios, os Heróis surpreende,
Prostra o valor, e ri da gravidade.

Até no Santuário entrar intenta:
Quebranta ferros, cárceres solapa;
Capelos, votos, véus, tudo violenta,

Nada enfim se lhe opõe, nada lhe escapa;
E só do seu poder talvez se isenta
Beliza por cruel, por santo o Papa.

Se viras, doce bem, neste retiro,
Em que a confusa mágoa me tem posto,
O estrago com que a força do desgosto
Me abala o peito a cada vão suspiro:

Se viras, como vão em longo giro
As lágrimas banhando todo o rosto,
Desmaiado o semblante, e descomposto
O triste som das vozes que profiro:

Poder ser, oh delírio da vontade!
Que a própria informação do meu tormento
Te arrebatasse a impulsos de piedade.

Mas quem te há-de informar do meu lamento,
Se quem o sabe é só tua crueldade,
Que de mim não se aparta um só momento?

Prometeu-me, jurou-me, finalmente
A mão Nize me deu; porque queria
Protestar-me com ela, que seria
Firme na fé, no afecto permanente.

Disse inda mais: rogou que um raio ardente
A chegasse a matar, se me mentia;
Que era mulher de bem, e não devia
Ser mudável no amor, como a mais gente.

Enfim, para penhor da segurança
Do que me fez sagrado Juramento,
Me deixou completar toda a esperança.

Fez-me feliz; mas só por um momento;
Pois logo me mostrou com a mudança,
Que sempre era mulher no fingimento.

Musas, aqui sobre este verde prado,
Sem que ofenda a ninguém, as cordas tento
Deste, que vós me destes, Instrumento
Para alívio fiel do meu cuidado.

Aqui que pastar vejo a relva o gado,
E do descanso o Lavrador isento
Fender a terra., e conduzir atento
Pela seca rabiça o curvo arado:

Aqui que mora a paz, vive a inocência,
Aqui na vossa amável companhia
Dos anos passar quero a decadência,

E a faltar-me outro bem, me bastaria,
O não sofrer aqui tanta Excelência,
Nem me aturdir com tanta Senhoria.

(Tirando-se da Ponte de Amarante a Imagem de Nossa Senhora poucas horas antes que caísse.)

Enquanto sobre a ponte, ó Virgem pura,
A vossa Imagem se adorou patente,
De si mesmo parece, que pendente
Se sustinha a desfeita arquitectura.

Ao tempo, ao terremoto, à guerra dura
Convosco resistiu, venceu valente;
Que a peanha da Mãe do Omnipotente
Não podia deixar de ser segura.

Mas assim que outras aras vos destina
Dos homens a devota providência,
Geme saudosa, e os mármorez inclina:

E vai gritando a rota corpulência,
No estrondo rouco da total ruína,
Que é destroço maior a vossa ausência.

(Fala da ruína da ponte de Amarante.)

Esta que vês, Amigo, parte em terra,
Parte no rio, e parte inda pendente,
Foi ponte, que cingiu larga corrente,
E agora nas areias se soterra:

Célebre foi, e qual robusta serra,
Na espádua dura suportou valente
A planta bruta, o tráfego da gente,
E o trânsito das máquinas de guerra:

Na duração dos Séculos remotos
Venceu de mil enchentes o ameaço,
E susteve o furor dos terremotos:

Mas hoje para aviso em Mapa escasso,
Esses penedos te apresenta rotos:
Contempla um pouco; e volta atrás o passo

Noiva feliz, Esposo esclarecido;
O parabém, que dar-vos hoje intento,
Com o vosso imortal contentamento,
E com a nossa dita é repartido.

Vós desfrutais no laço mais unido
Os enleios de um sacro ajuntamento;
Nós esperamos já com novo alento
Ver o vosso esplendor reproduzido.

Vós no Santo Himeneu vereis cumprida
Toda a vossa esperança; da ventura
Teremos nós a parte mais crescida.

Pois a prole gentil que amor procura,
Será dos Pais a prenda mais querida,
Será da Pátria a glória mais segura.

Quando, meu Moura, um pouco me dilato
A contemplar do Mundo o desvario,
Choro umas vezes, outras vezes rio,
Vendo dos homens o fingido trato.

Ostenta-se discreto o mentecapto,
O fraco com valor, o vil com brio,
A rústica com nobre senhorio,
A desonesta com falaz recato.

Anda tudo ao revés: perversa a gente,
Uma cousa insinua no semblante,
E outra na alma bem diversa sente.

Assim a falsa Nize a cada instante
Promete, e jura affecto permanente;
Mas eu não vi mulher mais inconstante.

Tudo critica o Século presente,
E se ri com maligna complacência,
Quando vê que com crédula inocência
De fantasmas tem medo a rude gente

Larvas não teme, espectros não consente;
Os lémures despreza; e sem demência
Dos portentos a frívola aparência,
Apesar dos Astrólogos, desmente.

Já nos Trívios funestos não prepara
Círculos vãos a Mágica sombria:
já lá vão ilusões; tudo se aclara;

E até já nem encantos haveria,
Se Belinda o contrário não mostrara
Da sua doce voz na melodia.

(Problema)

Quem morre às mãos da dor, vendo sem vida
O bem que idolatrou, mostra saudade:
Ostenta quem se mata uma lealdade,
Da paixão mais sublime produzida.

Naquele obra a tristeza, comovida
Só talvez pelo impulso da piedade;
Neste brilha do amor a heroicidade,
Que a fé lhe faz mais pura e mais luzida.

Ambos acabam sim; mas obrigado
Se sujeita o primeiro à triste sorte;
Por vontade o segundo ao duro fado.

È pois mais fino amante o peito forte,
Que podendo viver no seu cuidado,
Somente por fiel se entrega à morte.

Tudo me anda ao revés, do meu trabalho
Vingar não pude este ano o menor fruto,
Deu-me a ronha no gado; e ao campo enxuto
Faltou no verde Abril o fresco orvalho.

Danou-se o Tejo¹, e junto de um carvalho
Eu mesmo vi morrer o pobre bruto;
Fugiu-me o melhor touro; e o lobo astuto
Me levou o carneiro do chocalho.

Por fim deixou-me Almira, a que coluna
Do templo da firmeza tinha sido;
Mas que importa, se nada me importuna?

Pois com este cajado enfurecido
Irei deter a roda da fortuna,
Irei quebrar as setas de Cupido.

¹ Nome de um cão do poeta.

Com duas eleições esta Clausura
Duas glórias em vós, Senhora, alcança,
Na primeira fundando uma esperança,
Na segunda logrando uma ventura.

Mas se qual maior seja se procura,
Perco de resolvê-lo a confiança;
Pois se aquela os acertos afiança,
Esta na duração os assegura.

Na primeira, e segunda juntamente
Esperança, e ventura faz notória,
Desempenhada aquela, esta patente.

Fique indecisa entre ambas a vitória,
Pois encontro nos gostos da presente
Doces lembranças da passada glória.

MOTE

Não corras para o mar Tâmega tanto.

Levanta, claro Rio, hoje às venturas
Desse claustro feliz nobres peanhas,
Em cada margem que passando banhas,
Em cada penha que batendo apuras.

Dilata mais que nunca as águias puras,
De gosto enchendo as húmidas Campanhas;
Pois na luz de Leonor agora ganhas
Com seu nome imortal glórias futuras.

Porém se em teus cristais em tudo amenos,
Pausas não pode dar teu justo encanto,
Pois não sabes movê-los mais serenos;

Se não pode parar-te o grande espanto
De tão devido aplauso; um pouco ao menos
Não corras para o mar Tâmega tanto.

MOTE

Os Altares lhe adorna o nosso peito

Culpa não foi de amor; da sorte dura
Foram talvez, Senhora, as impiedades,
Que a comprida extensão de mil vontades
Limitaram no centro da clausura.

Foi diminuto o prémio; mas ventura
Foi lograr dos afectos as lealdades;
E pois neles achais imensidades,
O que a sorte vos rouba, amor segura.

Que importa pois, que importa que avarenta
Os prémios limitados tenha feito
A Deusa cega, ao mérito violenta?

Que importa, se com culto mais perfeito
A nossa fé as vítimas te aumenta,
Os Altares te adorna o nosso peito?

Detém, veloz corrente, as águas puras,
Levantando à fortuna mil peanhas,
Em cada margem que passando banhas,
Em cada seixo que batendo apuras.

Atende pois às glórias, e às venturas,
Que neste feliz claustro agora ganhas:
Dos Távoras brasões, lustres, façanhas
Padrões te formarão de penhas duras.

Mas se a tua volúvel confluência
Do peso natural ao curso avaro
Não pode dar-te firme permanência:

Ao menos neste empenho tão preclaro,
Por obséquio, atenção, ou reverência,
Suspende por um pouco o giro claro.

Jacinto ilustre, eu seja um vil cativo,
E passe triste ao duro remo atado,
Viva inocente, e tido por culpado,
Morra às mãos de um verdugo sem motivo:

Fogo devorador me queime activo,
Contamine-me a vida ar empestado,
Funda-me água salobre em mar irado,
Rasgue-me a terra, e me devore vivo:

Caia o Céu sobre mim, trague-me o inferno,
E vague com perpétua obscuridade
Sombra infeliz no verde-negro Averno:

E se nos Deuses pode haver crueldade,
Veja sempre terrível a Jove eterno,
Se eu por ti mancho as aras da amizade.

(Para uma senhora religiosa recitar à sua prelada, no dia dos Reis.)

Ofertar-vos, Senhora, eu bem queria,
Pois vós o mereceis, quantos a Aurora
Gratos licores sobre a Arábia chora,
Sacros perfumes junto ao Ganges cria.

O metal que mais brilha, eu mesma iria
Das entranhas da Terra arrancar fora;
Porque um tributo vos trouxesse agora,
Que fosse próprio deste augusto dia.

Bem o queria sim, mas como dura
A fortuna me impede esta fineza,
O amor por outro modo vos procura:

O Coração vos traz, tendo a certeza,
Que vós mais estimais uma fé pura,
Que as maiores ofertas da riqueza.

Dos teus, ó Porto, antigos Horizontes
Apenas se descobrem os indícios;
Porque até dos penhascos nos resquícios
Se estendem ruas, se sustentam pontes.

Novos Cais, novas Praças, novas Fontes,
Torres, Templos, Palácios, Frontispícios
Te dão tanta extensão, que os precipícios
Já são Cidade, e deixam de ser montes.

Cada vez cresces mais: Oh sempre claro
Te assista o Céu, e tenha decretada
Duração, que resista ao tempo avaro.

E serás imortal, se mensurada
A vires pelo nome do Preclaro
Teu fundador segundo, o Ilustre Almada.

Eu não me queixo não, prenda adorada,
Se contra mim teu peito se enfurece;
Pois em lugar de amar-te, te aborrece
Quem te deseja ver desestimada.

Chamem-te embora os mais desapiedada,
Se o teu dever do cego amor se esquece,
Que eu só digo que queixas não merece
Uma mulher de bem por ser honrada.

Eu falo contra mim, porque te adoro
Inda mais do que os mais; mas circunspecto
Até te oculto as lágrimas que choro:

Pois por não profanar teu nobre objecto
No altar te sacrificio do decoro
As mudas submissões do próprio affecto.

Suspenso o peito em plácida porfia
Não sabe dos extremos qual procura,
Se as luzes dessa vossa formosura,
Se desse vosso canto a melodia.

Arrebata igualmente a fantasia,
Se acaso a perfeição em vós se apura,
Tanto de vossas vozes a doçura,
Como do vosso rosto a simetria.

Mas ai! que triste a ideia hoje discorre!
É de cisne este canto que arrebata,
E a mesma circunstância em vós concorre:

Porém com a diferença, bela ingrata,
Que a harmonia do cisne é porque morre,
E o vosso canto é só porque me mata.

Se parto, tu Diamante ², descontente
Ficas guardando o solitário assento;
Mas bem que triste, com robusto alento
Vibras contra o ladrão o agudo dente.

Se volto, tu me espetas diligente,
Mostrando-me um fiel contentamento;
Pois logo com festivo movimento
És em casa o primeiro que me sente.

Se caço, com gentil velocidade
De um salto abocas a ligeira presa,
E a trazes com leal docilidade.

Oh como eu fora descansado à mesa!
Se pudesse encontrar tanta lealdade
No António, no José, e na Teresa.³

² Nome de um cão do poeta.

³ Nomes dos criados do poeta.

(Stulte, quid est somnus, gelide nisi mortis imago.)

Na muda solidão da noite escura
Tudo em silêncio está, e tão cerrado,
Que até nem muge no curral o gado,
Nem na cabana um só Pastor murmura.

Cada qual dorme em paz, e se assegura
No seu Rafeiro contra o lobo ousado;
Pois tira dos Mortais todo o cuidado
O sono, que é do Céu dádiva pura.

Ele alivia o mal do descontente:
Ele faz que o trabalho se suporte:
Ele iguala o mais triste ao mais contente.

Ele é o maior bem: mas quer a sorte,
Que para ser feliz a humana gente,
Se lhe equivoque a vida com a morte.

Ó vós, que deste bárbaro distrito
Habitadores sois, cruéis serpentes,
Aonde estais, que os venenosos dentes
Não empregais no peito mais aflito?

E vós, que sois zimbórios do Cocito,
Brutos penhascos, mármore pendentes,
Porque os despenhos não fazeis patentes,
Em que o mais infeliz se precipite?

Tanto há-de ser, e tanto endurecida
A minha sempre escura, e amarga sorte,
Que em nada me depara um homicida?

Só para mim não há-de haver um corte,
Que me acabe por fim tão triste vida?
Não haverá, porque me agrada a morte.

Para não me sentirem, devagar
Pela cozinha entrei com pé subtil,
Vi nela a cozinheira mais gentil,
Com que amor doce morte me quis dar.

De cócoras estava sobre o lar
C'uma mão posta em cima do quadril,
E dando ao lume assopros mil, e mil
Estava de contínuo sem cessar.

Acaso pus o pé sobre um carvão,
Ela o som escutando rangedor
Voltou-se para mim: disse-lhe então;

Não sopres mais ao lume que é melhor
Servires-te, cruel, de um coração,
Que ardendo em viva chama está de Amor.

São linhas curvas, Nize, os teus cabelos,
A frente superfície a mais brilhante,
A colha semi-círculo distante,
E dous globos de luz os olhos belos:

A boca prendem ângulos singelos,
O nariz forma lombo dominante,
Que do centro do Eclíptico semblante
Horizontaliza extremos paralelos.

Nele se abreviou dos Céus a Esfera;
Pois de quanto contempla a fantasia,
Em ti mais perto a vista considera.

E é tanta do teu rosto a simetria,
Que nele Euclides aprender pudera
Mais justas proporções de Geometria.

O Ar coberto está de escuridade,
O dia tenebroso, chove, venta;
E em medonhos relâmpagos rebenta
O estrondoso fragor da tempestade.

Dos raios a instantânea claridade
Em vez de iluminar nos desalenta:
A fera treme, o gado se espaventa;
E os pastores aos Céus pedem piedade.

Votos Arminda faz, Almeno jura
De romper de seus erros a corrente;
E aplacar cada qual o Céu procura.

Mas ah! Que assim que volta o Sol luzente,
Este se esquece da sagrada jura,
Outro o voto que fez logo desmente.

(Ao casamento de Gaspar Pereira Ferraz Sarmento.)

Com justa emulação, com igual sorte
Faz Himeneu a dita duvidosa,
Se em vós é mais sublime, Ilustre Esposa,
Se em vós é mais feliz, caro Consorte.

Filha de Vénus vós, vós de Mavorte,
A dúvida fazeis mais decorosa,
Ou já nos belos timbres de formosa,
Ou no valente ardor do peito forte.

Ambos pois deveis ser felicitados
Com igual proporção, já que a ventura
Com recíproco amor vos tem ligados.

Porque nesta aliança se mistura
A nobreza na cópia dos agrados,
A virtude na luz da formosura.

Estou, tirano Amor, para partir-me:
A teus pés nestes versos vou lançar-me;
Que as justíssimas causas de queixar-me
Não negam atenções de despedir-me.

E se agravos pudessem divertir-me
Do que o amor chegou a encomendar-me,
Sem um adeus pudera hoje apartar-me,
Só por não dar motivos de afligir-me.

Mas como enfim cheguei a idolatrar-te,
Um favor, bem que leve, a merecer-te,
Vou com trémulos braços a abraçar-te.

E se alguém se atrever a repreender-te,
Dir-lhe-ás, ingrato bem, que fui buscar-te
A respeitar-te só, não a querer-te.

Às vezes se não durmo, o pensamento
Deixando o corpo sobre a cama quente,
Me leva mais ousado, que prudente,
Dos Astros a medir o movimento.

Peso, calculo, meço, e observo atento,
Quantos globos encerra o Céu luzente:
Contemplo os Turbilhões, e finalmente
Me transporto até sobre o Firmamento.

Descartes lá descubro: e nesse espaço,
Que existência só tem na fantasia,
Também meus Orbes risco, e Mundos faço.

E eis que vem com mais certa Geometria
Uma Pulga, e me morde no cachaço;
Vou-me arranhar; e adeus Filosofia.

Sem causa a Infância ri, sem causa chora:
Incauta se despenha a mocidade;
Sacode o jugo, e nela a liberdade,
A caça, o jogo, o amor, tudo a namora.

Das honras o varão se condecora;
Tudo é nele ilusão, tudo vaidade:
Junta Tesouros a avarenta idade;
Diz mal do nosso, e ao tempo andado adora.

Tormento é toda a vida, é toda enganos:
Quando uns afectos vence a novos corre,
E tarde reconhece os próprios danos:

Porque enfim se a prudência nos socorre,
Ditada na lição dos longos anos,
Quando se sabe, então é que se morre.

(Ao Abade de Polvoreira José Moreira da Silva.)

Quando, douto Moreira, o pensamento
Às lembranças entrego do passado,
Suster não posso o pranto, e magoado
Encho de tristes ais o vago vento.

Ora entre o bosque giro, ora me assento
Nas quebras de um penedo, e rodeado
De montes negros, e do meu cuidado
Caio enfim num profundo abatimento.

Nele me encontra a noite; e então desperto
Do lobo aos uivos, que de longe grita,
E ao som da Noitibó que escuto incerto.

Vê pois que vida é esta: premedita
Na bruta solidão deste Deserto;
E dime depois se é pena, ou dita.

(A um galante cedro, que o dito Abade tinha no seu jardim.)

Cresce, planta incorrupta; e obediente
À sábia mão do teu cultor atento,
Abate a copa à terra, e ao vago vento
Trémula empina a verde-negra frente.

À arte cede, e entrelaçar consente
A verde rama em forma de aposento,
Onde teu dono sossegado, e lento
Encontre sombra amena em sesta ardente

Os amigos lhe hospeda, que constante.
Da antiga Corte Lusa em Polvoreira
Lauto recebe, e satisfaz galante.

Que depois, das idades na carreira,
Dirá vendo-te ao longe o caminhante,
Eis acolá o cedro do Moreira.

(Ao mesmo Abade seu amigo.)

Enquanto tu, douto Moreira, espontas
Do teu Jardim as peregrinas plantas;
E umas vezes os ramos lhes quebrantas,
Outras vezes com arte lhos remontas.

Enquanto do teu cedro nas vergontas
Fabricas lojas, pavilhões levantas,
Onde à sombra talvez as horas santas
Atento rezas, e devoto contas.

Enquanto, de uma aldeia, uma cidade
Fazes enfim, por teres o segredo
De entreter no retiro a sociedade.

Eu posto aqui ao pé deste rochedo,
Não sou mais em tão muda soledade,
Que junto de um penedo outro penedo.

(Ao dito cedro do seu amigo.)

Cresce, planta gentil, cresce, e à porfia
Por toda a parte os ramos teus suspende,
Enquanto a arte destramente emprende
Dar-te forma melhor, mais galhardia.

O tronco à terra, a ponta aos Céus envia,
E a verde rama ao vago vento estende;
E agradecida o teu cultor defende,
Opondo ao sol ardente a sombra fria.

Vive até te perder na eternidade,
Por mais que o tempo devorante queira
Roubar-te de incorrupta a qualidade.

Que a gente, com lembrança lisonjeira,
Dirá por glória tua em outra idade:
Este cedro foi planta do Moreira.

Cale-se agora o senhor Ciro ⁴, e trate,
Em vez de plantar cedros, pôr carvalhos,
Por não ferir as mãos de anéis nos galhos,
Que a podoa cruel no tronco abate.

Dario ⁵ corte os seus; e às Tropas mate
O frio atroz nos cálidos borralhos:
E os do Líbano faça em mil retalhos
O sábio Rei ⁶ metido a Calafate.

Artaxerxes ⁷ enfim, o que iracundo
Entrou na Grécia pela vez primeira,
De Cedro faça as Naus meter no fundo.

Cedros não lembrem mais: voz lisonjeira!
Que em todos quantos Cedros teve o mundo,
Cedro não há igual ao de Moreira.

⁴ Plantou com as suas mãos reais os cedros do seu jardim.

⁵ Cortou os cedros dos eu jardim para se aquectarem os soldados.

⁶ Salomão 16. dos Reis.

⁷ Sacrificou a Neptuno as naus que tinha feitas de cedros.

(Ao mesmo seu amigo.)

Deixa, Moreira, o mundo; é tempo agora
De ver da praia firme o golfo insano,
As velas colhe, e o tardo desengano
Com levantadas mãos devoto adora.

Repousa pois: o mundo hoje devora
Com enganos cruéis o peito humano;
E rindo-te de ver o antigo engano,
As antigas paixões sábio melhora.

Deixa Amor, deixa as Musas, e somente
Do ilustre Baco o copo à boca arrima;
Pois alegre a quem vive descontente:

Louva o homem discreto, o Sábio estima;
Ama a virtude; mostra-te prudente;
Toma tabaco, fala à tua Prima.

(Ao falecimento do dito seu amigo.)

Descansa em paz, douto Moreira, e isento
Das terrestres paixões da humanidade,
Conhece finalmente que a verdade
Só tem no Elísio o principal assento.

Do teu Jardim retira o pensamento,
E dos falsos Amigos a saudade;
Pois nele cada flor era vaidade,
E nestes cada acção um fingimento.

Se a foice, com que a morte despedaça
A vida dos mortais, quis por vanglória
Roubar-te tudo enfim, não foi desgraça:

Pois ela não logrou toda a vitória;
Que o teu nome escapou à sorte escassa
Por se acoutar no Templo da Memória.

(À morte do Abade de Polvoreira.

Sossega Alma feliz; e Polvoreira
Fique à vista do Elísio abandonada;
Que Apoio para a frente dilatada
Lá te forma de louro a cabeleira.

Cá de Cipreste a tece a choradeira,
Para adornar ido teu esqueleto a estrada,
Que de mil galopinos povoada
Um tempo foi, mas acabou-se a feira.

Repousa pois em paz; e a mesa apanha;
Porque a estancia dos Deuses não hospede
De Amigos desleais cópia tamanha.

E lá tens, se o teu génio inda to pede,
Néctar melhor, que o que produz Champanha:
Chama⁸ a Teodoro, brinda, e apaga a sede.

⁸ Teodoro de Sá Coutinho, íntimo amigo do autor, e do dito Abade de Polvoreira, ambos falecidos.

Traga-me embora ao duro remo atado,
Meta-me nos grilhões, leve-me à morte;
Seja qualquer que for a minha sorte,
Não tem mais que insultar-me agora o fado.

Esgote o seu poder, mostre-se irado,
Despedace, destrua, abata, e corte;
Que não há-de fazer-me a dor mais forte,
Por ter subido ao mais violento estado.

A fazer-me mais triste dm vão se cansa;
Que tendo o grau supremo a mágoa cheio,
Melhor será se nela houver mudança.

E nisto mesmo encontro algum recreio;
Pois é do bem espécie de esperança
Não ter de maior mal novo receio.

Citado o Réu, a Acção distribuída,
Oferece-se o Libelo na Audiência;
Entra logo uma cota, uma incidência,
Apenas em dez anos discutida.

Contraria-se tarde; ou recebida
Uma Excepção, faz nova dependência:
Crescem as dilações, e a paciência
Uma das Partes perde, ou perde a vida.

Habilita-se um Filho, outro demora;
E de novos artigos na disputa,
Mais se dilata a causa, ou se empiora.

Contudo põem-se em prova ou circunduta,
Em casa do Escrivão bem tempo mora,
E se há sentença enfim, não se executa.

Ide lá, ponde a louca confiança
Naquilo em que a fortuna só domina;
Que se a roda inconstante um pouco inclina,
Sem voltá-la de todo não descansa.

Algun cuida que a prende, e a mão lhe lança
Em acto de a suster, e se arruína;
Porque o giro veloz, que a desatina,
Até lhe rompe a crédula esperança.

Depois fica-se o pobre reduzido
A passar toda a vida descontente,
De que errou sem remédio arrependido.

Sendo enfim espectáculo da gente,
De mágoa para o sábio comedido,
De riso para o vulgo irreverente.

O Peito cobre, ó Nize, que é loucura
O incentivo do amor fazer patente;
Porque deixa de o ser, quando indecente
Mais que à ideia, à vista se figura.

Quanto mais se recata a formosura,
Mais impressão nos faz; pois julga a gente,
Que excede sempre ao bem que vê presente,
Aquele, que entre os véus se conjectura.

Oculto pois, oculta esses objectos,
Altars, onde fazem sacrificios
Quantos os vêem com olhos indiscretos.

E se pretendes encontrar propícios
De amantes corações puros affectos,
Tudo não mostres, mostra-lhe os indícios.

Se os males meus viessem de repente,
Seria o meu viver um breve instante;
Que a sofrê-los nem fora então bastante
Uma alma forte, o peito mais valente.

Mas, como pouco a pouco a dor se sente,
Pelo costume é menos penetrante;
E numa, e noutra pena mais constante
Resiste ao seu tormento um descontente.

Faz calo a paciência, e não lamenta
No costumado, e repetido corte,
Mas antes por vanglória se contenta.

Publica o seu valor da mesma sorte,
Que faz quem do veneno se alimenta,
Que o traga afoito, e não recebe a morte.

Busco o Vaie, saudoso, e recostado
No tronco dum Carvalho corpulento,
Para mais me afligir, o pensamento
À memória me traz o bem passado.

De tão triste lembrança penetrado,
Mais a dor a meus males acrescento:
Ouço balar o gado, e a pena aumento;
Vejo a fonte correr, fico magoado.

Ao longe um Rouxinol me desafia
A sentir mais amarga a minha pena
Nos quebros, com que apura a melodia.

Depois já com bonança mais serena
Leio, rezo, passeio, acabo o dia,
Eis aqui a que o fado me condena.

As sextas longas do fervente Estio
Passo à sombra do rústico Carvalho,
E revergado ao tépido borralho
As noites largas pelo Inverno frio.

Nos lisos seixos do pequeno Rio
Vivas trutas em curva rede entralho;
A perdiz na esparrela, e sem trabalho
O coelho veloz caço no fio.

A fruta como à própria mão colhida,
Belo da pura fonte, e a rude gente
Já por uso parece-me polida.

Tudo aqui me consola; e tão somente,
Para lograr de todo alegre a vida,
Falta-me Nize, de quem vivo ausente.

Enfim, por dar remate ao meu tormento,
Esta minha memória não descansa:
Representa-me Nize; e da lembrança
Fabrica a dor cruel ao sentimento.

Mil cousas me recorda o pensamento;
Mas só nesta aparência ver alcança
Tanto amor, tanta fé, tanta esperança,
Reduzido a perpétuo acabamento.

Do Fado injusto a dura atrocidade
Em tudo contra mim se faz notória,
Esgotando em meu mal toda a impiedade.

Lembra-me do que foi a doce glória;
Porque além do rigor de uma, saudade,
Me faz sentir os golpes da memória.

O Decreto imortal, Nize, do fado
Implacável, cruel, bárbaro Nume!
Me fez mudar de Pátria; e de costume
A séria reflexão do próprio estado.

Voltou-me o génio alegre em magoado
Do peito aflito o amortecido lume;
E do tempo que tudo em nós consume,
Me vejo inteiramente transformado.

Destemperou-se a Cítara cadente,
E serve só de ninho ao vil insecto
Que nela lavra a teia transparente.

Riscaram-se as memórias noutro aspecto,
Tudo em mim tem mudado; e tão somente
Me ficou sem mudança o antigo affecto.

De que serve o viver, se tanto custa?
É toda uma tormenta a nossa idade;
Louca na infância, vã na mocidade,
E cheia de aflições na mais robusta.

Um chora, outro lamenta, outro se assusta
Da fortuna à mais leve tempestade;
E se chega a velhice, é sem piedade
Submetida ao rigor da sorte injusta.

Parece que por seu divertimento
O Céu nos faz penar, inda que santo,
Sem nos deixar de alívio um só momento.

Valha-nos Deus! Se toda a vida é pranto,
Se acaba só na morte o seu tormento,
De que serve o viver, se custa tanto?

O Galo já três vezes tem cantado,
Mugido o Boi, tossido a Ovelha, e a Aurora
Já lá vem, com as lágrimas que chora,
Regendo a relva mole ao verde prado.

Já de trás do Marão o Sul dourado
A frente principia a lançar fora:
Enfim é manhã clara, e inda até gera
O sono aos olhos meus não tem chegado.

Ele às vezes quer vir, e a noite inteira
Me rodeia a cabana; e espreme lento
O suco sobre mim da dormideira.

Mas se entra nela algum feliz momento,
Assim que se me encosta à cabeceira,
Logo dela o retira o meu tormento.

Haverá por acaso outro que habite
Medonha gruta em bárbaro deserto,
Que mais do que eu de lágrimas coberto,
Pálido espanto, e negro horror incite?...

Rompam-se embora as bóbadas do Dite,
E fique um pouco à luz do Sol aberto;
Que ainda até lá dos condenados perto
Não se há-de ver quem o meu mal imite.

Euménides funestas, que as penúrias
Aumentais aos alunos do Cocito,
Deixai de lhes fazer novas injúrias:

Vinde aprender do peito mais aflito;
Que vos dará lições para ser Fúrias
Nos remorsos cruéis do seu delito.

O jogo, o amor, a mesa, as Musas belas
Roubaram-me o melhor da mocidade:
Esta se vai passando, e a séria idade
Principia a tratar-me coco cautelas.

Diz-me que as cartas rompa; que as Donzelas
Deixe viver em santa honestidade;
Que seja sóbrio; e colha a gravidade
Do vagabundo engenho as soltas velas.

Tudo é bom; mas que importa haver mudança,
Se os anos trazem novos precipícios
Nas honras, na vanglória ou na esperança?

Entra o fausto fazendo desperdícios,
Roubos a usura, crimes a vingança,
E emendam estes os primeiros vícios?

No mal, Nize gentil, que me atormenta
Tudo me cansa, tudo me enfastia,
Foge-me o gosto, o sono se desvia,
E o triste coração se desalenta.

Entre as gentes a minha dor se aumenta,
No retiro me pasma, e a fantasia
De noute encontra horrores, e de dia
A própria luz as mágoas me acrescenta.

Para me aliviar nada é bastante:
Sofro, calo, lamento, e todo inteiro
Me ocupa o meu tormento a cada instante.

Nize, por mais que seja verdadeiro,
Não sente pena igual saudoso amante,
Como me causam faltas de dinheiro.

Queixa-se da fortuna um descontente,
Outro da sua Estrela, outro do Fado,
Outro da sorte; e sempre um desgraçado,
Encontra desabafo no que sente.

Algun cuida que o mal é contingente,
E pragueja do acaso; outro indignado
Grita, lamenta, e diz que o Céu sagrado
É surdo à rouca voz da triste gente.

Há tal que aos Santos Deuses ameaça,
Que lhes chama cruéis, e o desatino
A negá-los de todo às vezes passa.

Eu só contra mim brado, e me crimino;
Pois sei que sou no extremo da desgraça,
Artífice infeliz do meu destino.

De que vale o saber, e a larga idade
Gastar do estudo vão na subtileza?
Se eu, vendo desta noite a esplendidez,
Não sei quem causa tanta novidade?

Das trevas na maior obscuridade
Vejo dos astros toda a luz acesa,
E de tão belo efeito na incerteza
Me deixa cego a mesma claridade.

Que será? Pois do Sol o luzimento,
Assim que é meia noite, principia
A encher-nos de imortal contentamento?

Ou hoje a Natureza desvaria;
Ou hoje teve um Deus o Nascimento,
Que muda a negra noite em claro dia.

Eu já não posso mais, que é tão violento
O bárbaro pesar que me angustia,
Que, inda que eu fosse um seixo, não podia
Deixar de me partir um tal tormento.

Por mais que faça, inutilmente intento
Abafar do meu mal a tirania;
Porque um peito na força da agonia
Rompe as mudas prisões do sofrimento.

Queixar-me quero pois, ouça-me a gente;
E crimine-me embora de apoucado,
Por me ver lamentar tão altamente.

Fique o mundo de ouvir-me atordado;
Porque nada aventura um descontente,
Se publica na morte o seu cuidado.

É no bem, e no mal o humano enleio,
Como o fiel na trémula balança,
Que ora sobe, ora desce, e não descansa,
Sem que entre o peso igual encontre o meio.

Assim se passa a vida em tal rodeio
De encontrados afectos na mudança,
Que ou nos eleva a crédula esperança,
Ou nos abate o tímido receio.

Estas duas paixões o Céu sagrado
Nos peitos infundiu, porque somente
De algum modo igualasse a todo o estado:

Porque entre o bem, e o mal, vivesse a gente,
Sustido da esperança o desgraçado,
Quieto no receio o mais contente.

(Quando se abriu a Universidade de Coimbra no ano de 1772.)

Se eu pudera antever, Ídolo amado,
Os sucessos que move a contingência,
Fizera uma constante resistência
Às perpétuas prisões do meu estado.

Ficara livre então, se afortunado
Lograra o que hoje logro; mas paciência,
Pois nem sobre os futuros há ciência,
Nem há força no mundo contra o Fado.

É necessário pois que se suporte
Do destino dos homens o Decreto
Imutável, fatal, potente, e forte.

Não te queixes de mim, querido objecto;
Pois o seguir a lei da minha sorte
Não destrói o poder do nosso affecto.

Voltai Musas, voltai para as amenas
Ribeiras do Mondego, aonde agora
Outro Liceu melhor vos condecora,
Devido à mão do mais feliz Mecenas.

Voltai a frequentar a Lusa Atenas,
Sem aquele rubor que as faces cora;
Porque a sábia razão já nela mora,
Já lhe ocupa a verdade as doudas penas.

Voltai; pois já fugiu o génio inculto,
A pompa vã, a rústica porfia,
Das nobres Artes vergonhoso insulto.

Tudo se restaurou em um só dia:
Oh não vos esqueçais do Régio indulto,
Que novo ser vos deu, nova harmonia.

(Fazendo anos o Sereníssimo Senhor D. Gaspar, Primaz de Braga.)

Tudo o tempo destrói: a terra alaga,
As águas seca, os ares evapora;
O fogo extingue, e até onde o sol mora
Manchas fabrica, e a clara luz lhe apaga.

Dos míseros mortais a sorte vaga
É que mais acomete; e de hora, em hora,
Peitos penetra, corações devora,
Vidas engole, e tudo enfim estraga.

Da trémula velhice à mocidade
Lhe vivem tão sujeitos os humanos;
Que o giro ele é que ordena à sua idade.

Só os heróis se isentam dos seus danos;
Pois logram durações da eternidade,
Como Gaspar as logra nos seus anos.

Ou na orquestra presida da garganta,
Deduzindo das vozes a destreza,
Ou dos olhos cintile a luz acesa,
Que incêndios mil nos corações levanta.

Sabe Irene infundir suspensão tanta,
Que toda a liberdade deixa presa;
Pois ou na melodia, ou na beleza
Acha pronta a prisão, que nos encanta.

Se uma só perfeição, a rebeldia
Do peito mais cruel movendo, assusta,
A tantas resistir quem poderia?

Triunfa pois, Amor; que em tudo augusta
As graças do semblante, e as da harmonia,
Para mais nos prender, Irene ajusta.

Flores no prado a Primavera cria,
Louras espigas o abrasado Estio,
Pomos o Outono, e pelo Inverno frio
Ao brando lume o gelo se desvia.

Neste Deserto alegre companhia
Me faz cada Estação; e daqui rio
Daquele meu passado desvario,
Que arrastar torpes ferros me fazia.

Quebrei-os, e custou-me; mas prudente
À custa das lições do próprio dano,
Vejo, nunca o cuidei, rota a corrente.

E vou, para labéu de Amor tirano,
Pendurar o grilhão publicamente
No venerando Altar do desengano.

Enfim, Prenda gentil, meu peito alcança
A ventura maior que amor concede:
Sou tão feliz, que o teu favor se mede
Pela imensa extensão duma esperança.

O coração parece que descansa;
Porque ao mesmo desejo a dita excede:
Nada mais quer; somente ao fado pede
Do nó que hoje nos prende a segurança.

Hércules pois de Amor, uma coluna
Levantarei, que ao gosto mais crescido
Seja termo fiel, meta oportuna.

E da glória esta vez desvanecido,
Farei parar a roda da fortuna,
Irei quebrar as setas de Cupido.

Cantai, Ninfa gentil, cesse o receio,
Que glória tão feliz nos suspendia;
Pois fora indesculpável tirania
Para sempre ocultar tão grande enleio.

Cantai: porque o temor, que em vós não creio,
Deve ceder da voz à valentia;
E juntando à beleza a melodia,
Dareis às almas o maior recreio.

Mas ah, pobres de nós! que a sorte dura
Dos efeitos de tão sonoro encanto
Nos fabrica talvez a desventura:

Que Amor para ferir-nos soube tanto,
Que uniu às perfeições da formosura
A doce suspensão do vosso canto.

Eis-me aqui, bela Anarda, que sisudo
Dos brincos de algum tempo agora ausente
Passo nestas montanhas descontente
A gorda festa do lascivo Entrudo.

Eis-me aqui: que recorde quieto, e mudo
Os gostos que este peito já não sente;
Pois me faz o destino que indecente
Me seja, oh dura lei! me seja tudo.

Dos belos passatempos deste dia,
Do teu riso, do teu gentil aspecto,
De tudo me despoja a sorte impia.

Nem sequer me deixou um só objecto,
Que pudesse infundir-me uma alegria,
Que pudesse causar-me um doce affecto.

(Aos anos do dito Sereníssimo Senhor D. Gaspar.)

Do mundo enganador desabusado,
Dizer-lhe quero adeus; porque é loucura,
Avistando tão perto a Parca dura,
Viver dos seus enleios inda atado.

Fique-se embora pois: todo o cuidado
Me deve a prevenção da sepultura;
Pois, bem que tarde já, sempre é ventura
Ao menos o morrer desenganado.

Acabem-se os projectos da vaidade;
Rompam-se os da ambição; e dê-se um corte
A quanto for estorvo da piedade.

Mas ah! Que é tão mesquinha a humana sorte,
Que para persuadir-se da verdade,
Não basta a vida, é necessária a morte.

Não, acerto não foi, que em liberdade
Nos deixasse, Senhor, a Academia;
Porque dos vossos anos na alegria,
Se perde inda a maior capacidade.

Suster de toda a luz a imensidade
Não pode a mais robusta fantasia;
E um raio só talvez que deixaria
Uma parte observar da claridade.

De mil virtudes vossas na afluência,
Indeciso se mostra o pensamento,
Sem saber a qual deva a preferência:

E no vago do assunto, ao entendimento
Lhe serve a mesma Cópia de indigência,
Porque cega, se é grande, o luzimento.

(Ao mesmo assunto.)

Do amor, e da modéstia, Augusto Infante,
Um raro exemplo sois, pois igualmente
Mostrais ao nosso gosto alegre a frente,
E voltais aos aplausos o semblante.

Afável para os mais, não sois bastante
A suster o louvor o mais decente;
E se sois para o júbilo presente,
Para os próprios encómios sois distante.

Eu bem sei que vos custa, mas é dino,
Que os vossos anos façam manifesto
Deste combate o modo peregrino.

Para vermos em Vós com vario gesto,
Que se à nossa alegria sois menino,
Aos vossos elogios sois modesto.

(Ao mesmo Senhor.)

Mais do que Braga Augusta a sacra Esfera,
Que rege, que ilumina o Vaticano,
Da perfidia infiel por desengano,
Em Vós Senhor todo seu lustre espera.

O sangue Régio, a educação severa,
As Artes liberais, o génio humano,
E da virtude o culto soberano
A grande expectação nos assevera.

Bem sei que a extensão deste desenho
Imensos rasgos no futuro lança;
Mas nem sempre delira o vago engenho.

E se errar esta nossa segurança,
Será talvez, que Vós o desempenho
Inda fareis maior do que a esperança.

(Ao mesmo Senhor, quando se publicou o Jubileu em Braga no ano de 1780.)

Nessa acção, em que a tuba da verdade
Perdões proclama, e jubileus publica,
Fazeis, Senhor, que o mundo incerto fica,
Se é mais grande o Esplendor, se a Santidade.

Nele em tudo é piedosa a Majestade,
Em tudo a devoção é nela rica;
Porque lhe oferece a terra, e o Céu lhe aplica
Quanta riqueza tem, quanta piedade.

Aberta a vossa mão Real, e justa
Por este modo os olhos nos encanta
Que inda o mesmo que vem a crer lhes custa.

E assim segunda Roma, em glória tanta,
Não só deixeis a Braga mais Augusta,
Mas lhe dais hoje o título de Santa.

De três Deusas a grata formosura,
De três vozes a doce melodia
Tudo junto logrei: e eu não podia
Neste mundo encontrar maior ventura.

Suspendia-se a vista na luz pura,
A atenção se elevava na harmonia,
Mas com tal suspensão, que eu não sabia
Distinguir a beleza da doçura.

Assim passei feliz nesta incerteza
Horas breves; se o tempo passa em tanto
Que uma alma dos enleios está presa:

Enfim tudo me tinha em belo encanto;
Elevava-me a vista a gentileza
Suspendia-me o ouvido o doce canto.

Aqui, onde me trouxe o fado duro
Para passar da vida o triste resto,
É tudo um espectáculo funesto,
Em que a vista apascento, o peito apuro.

Do Marão carregado o forte muro,
E dos penhascos o medonho gesto,
Um me prende, outro faz com que molesto
Seja aos meus passos este albergue escuro.

Aqui só por instinto se governa
A gente bruta: aqui feroz me avisa
Da brenha a fera, a serpe da caverna.

Aqui todo o meu mal me martiriza;
Que até, para fazer-me mágoa eterna,
O aspecto de mim mesmo me horroriza.

Ó Vós, que apeteceis, os que algum dia
Versos cantei de amor; vós por piedade
Deixas ficar em muda escuridade
Delírios vãos da vaga fantasia.

A paixão os ditou; e a melodia
Lhe deu desculpa na florente idade:
Esta passou-se; e o lume da verdade
A descobrir-me os erros principia.

Já vejo que andei cego; mas por ora
(Cousa que acontecesse eu não supunha)
Vejo do peito o antigo affecto fora.

E vejo enfim que aquela, a quem eu punha
Acima das estrelas, é já agora
Em vez de Nize bela, Inês da Cunha.

(Ao Excelentíssimo Bispo de Pinhel, partindo de Alentém para o seu Bispado.)

Ide outra vez, Prelado Ilustre, embora,
Para dar nova glória ao Sacro Assento;
Pois ele reconhece que o ornamento,
Mais do que dá, de Vós recebe agora.

Ele convosco os lustres seus melhora;
Que a Virtude, a Ciência, o Nascimento,
E tudo mais, que aumenta o luzimento,
Lhe forma o Esplendor que o condecora.

Ide pois, caminhei, porque à porfia
Do Céu por toda a parte a claridade
Felicidades mil vos anuncia.

E os Povos, em penhor desta verdade,
Vos esperam nas portas da alegria,
E vos deixam no extremo da saudade.

(Quando se levantou a estátua equestre do Senhor Rei D. José I, ano de 1776.)

Erige, Ulisseia, embora, ao Rei dedica
Essa sublime Estátua, ele a merece;
Que quem tanto te ilustra, e te enobrece,
Mais que te aceita, o culto justifica.

Tu nesse bronze aos séculos publica,
Quanto deves à mão, que te engrandece;
Que em parte os benefícios agradece
A nobre confissão, que os certifica.

Deu-te ele um novo ser, e um tal aumento,
Que na tua grandeza estupefacto
Se pasma ao ver-te o peregrino atento.

Mostra-lhe então, que o teu maior ornato
É guardar nesse augusto monumento
Do teu segundo Ulisses o retrato.

(Ao mesmo assunto.)

Nesse, ó Ulisseia fei, bronze robusto,
Por Fídias Luso a forma reduzido,
Que de raro lavor enriquecido
Assombro à vista causa, ao tempo susto:

Nesse Régio Colosso, objecto justo,
Que consagra teu peito agradecido,
Satisfazes ao culto mais devido,
Retratas dos teus Reis ao mais Augusto.

Tu lhe dedicas uma Estátua, e atento
Ele sempre ao teu bem, fez mais notória
A causa que inspirou teu nobre intento.

Para que assim no Templo da memória
Se leia, sendo só um monumento,
Gravada a tua fé, e a sua glória.

(Ao mesmo assunto.)

Por mais que em forja ardente, e safra dura
Liquide a Arte o bronze, o ferro bata,
O tempo, Ulisseia, o tempo lhe arrebat
Quantos reparos inventar procura.

Os metais gasta, os jaspes desfigura,
Os arcos rompe, os Templos desacata,
Os Colossos derruba, e desbarata
A máquina maior, e mais segura.

Se tu pretendes pois do esquecimento
Alcançar nessa Estátua uma vitória
Ao Nome do teu Rei, muda de intento.

A ti te mostra, como imortal glória;
Pois tens em cada pedra um monumento,
Capaz de conservar-lhe uma memória.

(Partindo para Lisboa o Sereníssimo Senhor D. Gaspar Arcebispo Primaz.)

Ide, Príncipe amado, que seria
Desejar o contrário, deslealdade:
Pois fora por poupar uma saudade
Roubar-vos um motivo de alegria.

Ide, que junto ao Trono hoje vos guia
Do sangue o Amor, do ceptro a Majestade:
Ide, e fiquemos nós; mas por piedade
A distância encurtai que nos desvia.

Vá convosco o dever, parta a demência;
Aquele vos conduza, e esta em tanto
Faça contra as demoras resistência.

Porque vós nos deixais em tal quebranto,
Que o tempo que durar a vossa ausência,
A medida há-de ser do nosso pranto.

Esse do sono doce esquecimento,
Que iguala um triste ao mais afortunado,
Porque aquele não sente o seu cuidado,
E este não logra o seu contentamento:

Esse que amortecendo o sentimento
Suspende todo o mal de um desgraçado;
Somente contra mim se mostra irado,
Em vez de me aplacar o meu tormento.

Em sonhos vãos de sorte me figura
Casos de horror, objectos de agonia,
Que até dormindo encontro a desventura.

E a tenaz apreensão da fantasia
No meio me faz ver da noite escura
Um meu credor, que me falou de dia.

Zoroastes na Pérsia, Hermes no Egipto,
No símbolo da luz, no da serpente,
Ao mundo deram leis, que reverente
Guardou com firme, com sagrado rito.

Depois o condutor do Hebreu proscrito
Outras novas propôs: ultimamente
Veio o Evangelho iluminar a gente,
E iludir o Alcorão, povo infinito.

A terra toda assim se conduzia,
Recebendo os preceitos da piedade,
No culto que visível se fazia.

Até que veio enfim a nossa idade;
E fazendo de todos zombaria,
Forma outra nova lei da liberdade.

Tudo se muda: o génio unicamente
Em ser constante nos mortais porfia,
Connosco a vir ao mundo principia,
Connosco morre, e nunca se desmente.

Ele as paixões na idade mais florente,
Ele as acende na velhice fria:
É sempre o mesmo, e em nada se varia
Por mais que à vida a duração se aumente.

Dissimula-se sim, mas qualquer hora,
Apesar da mais rígida cautela,
Nos entrega cruel, e as faces cora.

Assim o antigo ardor, que me atropela,
Assim me incita, ó Nize, a que inda agora
Te adore amante, e te celebre bela.

O Sábio é sempre igual, e não se espanta,
Por mais vária que a sorte se lhe ofereça;
Que o mal nunca lhe faz que a frente desça,
E o mais sublime bem lha não levanta.

Quer lhe torça cordéis para a garganta,
Quer coroas lhe ponha na cabeça;
Nem a pena lhe faz que se entristeça,
Nem um gosto feliz seu peito encanta.

Assim Sócrates foi; mas eu queria,
Que ele visse de Nize a face pura
Para prova da sua valentia.

Pois só tivera então glória segura,
Se de Amor resistisse à tirania,
Se de um rosto gentil à formosura.

(Ao Sereníssimo Senhor D. Gaspar, fazendo as exéquias do Senhor Rei D. José I.)

Quando a pálida mão da infausta morte
Vibra a fouce infeliz, no duro intento
De apartar-nos da vista o Régio alento,
Que honrou a paz, que subjogou Mavorte.

Suspeitaram, Senhor, que desta sorte
Pretendeis aumentar nosso tormento;
Fazendo que o elevado monumento
Maior lembrança dê do injusto corte.

Mas oh! Queixas não forme na tristeza
Quem de prantos votivos na lealdade
Banha as pompas, que ergueu vossa fineza.

Pois para algum alívio da saudade,
Preciso foi na lúgubre Grandeza
As sombras conservar da Majestade.

(Na Aclamação da Rainha Nossa Senhora, ano de 1777.)

Esse, Rainha Excelsa, esse que agora
Te cinge áureo Diadema a Régia frente,
Aonde o preço do metal luzente
A rara indústria do lavor minora.

Esse ornato real, que o mundo adora,
Hoje inútil se faz na acção presente;
Que para dominar a Lusa gente
Outro adorno maior te condecora.

Sublimes dotes tens que em toda a parte
Ganharam corações, sem que os ajude
Essa insígnia brilhante a venerar-te.

E se intentas que o culto se não mude,
Devido ao Rito Augusto de aclamar-te,
Tens coroa melhor na da virtude..

Passa alegre o Pastor, que sem talento
Para entender as máximas de Estado,
Cuida só no governo do seu gado,
Sem cansar no do mundo o pensamento.

Não trata de mais nada: e vive isento
De disputar com frívolo cuidado,
Se o valido do Rei é um malvado,
Se ao bem dos Povos um Ministro atento.

Nem o nome lhe sabe: e só decora
O dos seus Reis, com fé tão pura, e tanta
Que constante os celebra, e humilde adora.

Ao som da doce flauta a voz levanta;
As memórias do Pai saudoso chora,
E as virtudes da Filha alegre canta.

Do sono aquele doce aturdimento,
Que os sentidos nos tira, é certamente
A dádiva maior, que o Omnipotente
Fazer podia ao nosso desalento.

Ele faz com suave esquecimento
As condições iguais a toda a gente;
Pois nem o triste os seus pesares sente,
Nem o ditoso o seu contentamento.

Dorme o Rei no Palácio; na cabana
Dorme o Pastor; e com prisão tão forte,
Que o próprio estado cada qual engana.

Mas ah! Quanto é mesquinha a nossa sorte,
Que o bem maior da natureza humana
A imagem vem a ser da triste morte.

(Ao Falecimento da Augustíssima Senhora D. Mariana Vitória, Rainha Fidelíssima de Portugal, ano de 1780.)

Esta, que Filha foi, que foi Consorte,
Irmã, e Mãe de Reis, jaz, o Passante,
Debaixo deste mármore pesante,
Cede tanto esplendor da Parca ao corte.

Mariana morreu: e a dura sorte
A despojou de tudo em um instante;
Porque igualmente ao trono o mais brilhante,
E à mais pobre cabana insulta a morte.

Cetro, Coroa enfim o golpe rude,
Que as pompas rompe, que os troféus arrasta,
Nada deixou ficar neste Ataúde.

Todo o adorno Real dele se afasta;
E apenas das imagens da virtude
Decorado se vê; mas isso basta.

A Morte, que executa a lei do fado
Com diligência tanta, que até'gora
Não deixou preterir uma só hora,
Inda a favor do mais afortunado;

Que a curva fouce empunha, e o braço irado
Contra os mortais em toda a parte arvora;
A morte digo, a morte se demora,
Ainda que a tenho mil vezes chamado.

Somente a triste glória de homicida
Não quer lograr comigo; e se recata
Para dar-me uma pena mais crescida.

Quer ver-me mais penar: e me dilata
Uma infeliz, uma enfadonha vida,
Por ser cruel até quando não mata.

Viu-se um amante, o centro da Avareza,
Um dia junto de uma formosura,
Que, dando-lhe um remoque com doçura,
A bolsa o fez abrir sobre uma mesa.

Tenha mão, ela diz; que essa despesa
É tão rara, Senhor, que me segura,
Pois que sei desfechar mão que é tão dura,
Que devo ter alguma gentileza.

Isso me basta só. Não, lhe replica
O muito reverendo enamorado,
Ao menos me receba o que aí fica.

Rasgou-se aquele peito o mais cerrado;
E tanto, que deixara a Dama rica,
Se a oferta lhe aceitasse: era um cruzado,

Tó, Mondego, vem cá; pois tu somente
Alivias um pouco o meu cuidado;
Que em parte se consola um desgraçado,
Quando tem quem lhe escute o mal que sente.

Tu firme; tu leal; tu finalmente
Me tens na minha ausência acompanhado:
Raro impulso de amor! porque ao seu lado
Ninguém quer suportar um descontente.

Ora deixa, que em prémio da piedade,
Com que o teu zelo ao meu tormento assiste,
Farei teu nome emblema da amizade.

E os versos, meus que um tempo alegre ouviste,
Cantarão, para exemplo da lealdade,
Um Rafeiro fiel de um Pastor triste.

Morreu o meu Mondego, o que algum dia
Com tal disvelo me guardava o gado,
Que nem lobo voraz sobre o montado,
Nem no curral ladrão subtil se via.

Ele por toda a parte me seguia,
E com afecto tal, com tal cuidado,
Que inda depois de ver-me desgraçado,
Inda assim nos meus males me assistia.

Ora repousa em paz, e unidamente
Quem eu sou, quem tu foste, este letreiro
Faça algum dia, a quem o ler, patente.

Aqui jaz subterrado neste outeiro,
Dando exemplos de amigo a muita gente,
De um Pastor triste o mais fiel Rafeiro.

Pastor um tempo, e agora Pegureiro,
Vivo o mais infeliz deste montado,
Sem Pátria, sem cabana, e sem mais gado,
Que as feras que me cercam neste outeiro.

Tudo o mais me roubou o derradeiro
Dia em que fui feliz: que o duro fado
Até por me deixar mais desgraçado,
A vida me arrancou do meu Rafeiro.

Ele por toda a parte me assistia,
E com tanta lealdade, que comigo,
Se acaso eu fosse à morte, à morte iria.

A fome, a sede, a calma, o desabrigo,
Só por me não deixar, fiel sofria:
Eu perdi nele o mais leal Amigo.

Discreto Albino, a tua mocidade
Junta à minha velhice bem podia
Formar uma terceira melodia,
Nem toda flor, nem toda austeridade.

O mundo então com grata novidade
Talvez que os nossos versos ouviria;
Que o gelo meu, e o teu ardor faria
Uma bem concertada variedade.

Vibrando tu da Cítara canora
As fibras prateadas, mais cadente
Saíra a minha voz do peito fora.

Mas que há-de ser! se chego de repente,
E apenas deste albergue posso agora
Mandar-te esse Soneto por presente.

Meio já neste leito amortalhado,
Passo a vida o derradeiro resto;
A mim mesmo enfadonho, aos mais molesto,
E aborrecido ao Céu, que vejo irado.

Sobre a frente o cabelo arrepiado,
Os olhos turvos, macilento o gesto,
Não sou mais que espectáculo funesto,
E verdadeira imagem de um finado.

Parece-me que à porta a morte triste
Me bate já: que a fouce afia; e dura
Levanta o golpe, a que ninguém resiste.

E quem sabe? Talvez que a noite escura,
Que eterna me há-de ser, de mim só diste,
Quanto vai desta cama à sepultura.

Esta vida infeliz que me não larga,
Só por dar ao meu mal maior aumento,
Parece que igualando o meu tormento,
Quanto mais ele cresce, ela se alarga.

Tenaz não quer deixar-me; e tanto amarga
Me rouba o gosto, e esgota o sofrimento,
Que muitas vezes sacudir intento
Dos ombros fracos meus tão longa carga.

A Parca invoco então; e a Parca dura
Os votos me rejeita, as costas vira,
E vai ferir a quem a não procura.

Porque quando a morrer um triste aspira,
Como a morte lhe serve de ventura,
A morte encosta a fouce, e se retira.

(Sátira às modas.)

Uma mulher de bem, em outra idade,
Raras vezes em público se via;
Hoje se mostram todas, que seria
O nunca aparecer, rusticidade.

Falar com um Peralta era maldade;
Cortejá-los agora é galhardia:
A dança desdourava a que a sabia;
É hoje o não dançar simplicidade.

Estas transformações tem por ofício
Fazer a moda *vã*, que ao mundo ilude,
Compor em tudo um novo frontispício;

Ela até faz que Amor o nome mude;
Pois, passando inda há pouco por um vício,
Dizem se chama agora uma virtude.

Adeus, Nize gentil: a minha idade,
Que já de lustros doze um pouco passa,
Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa,
É só resto infeliz da humanidade.

Tudo o mais foi despojo da impiedade,
Com que o tempo voraz nos despedaça:
Roubou-me o brio ao peito, ao rosto a graça,
E nada me deixou de realidade.

Apenas me conserva por figura,
Que mereça por última decência
O nicho que lhe forma a sepultura.

Enfim não posso mais: a minha ausência
Outro pode suprir; que a formosura
Nunca se satisfaz de uma aparência.

(Ao Excelentíssimo Bispo do Porto D. Fr. João Rafael de Mendonça.)

Do Redentor com tanta melodia
Cantaste, bela Irene, o Nascimento,
Que às Almas inspiraste o movimento
Do afecto, da ternura, e da alegria.

Motivo mais supremo não podia
Neste mundo ocupar o pensamento:
Era imortal o assunto, era o convento
A mais doce porção de uma harmonia.

Acrescentaste, Irene, ao pasmo mudo,
Que infundia das vozes a destreza,
Para a vista também um novo estudo:

Soubeste unir cadências à beleza;
Porque grande uma vez se visse tudo,
A consonância, o objecto, a gentileza.

Enquanto vós, sábio Pastor, guiado,
Mais das leis do dever que da grandeza,
Destes montes na incómoda dureza
Pasto às ovelhas vindes dar sagrado:

Enquanto, uma vez Pai, outra Prelado,
Misturais com Católica destreza,
Ora largos socorros à pobreza,
Ora santas emendas ao pecado:

Enquanto enfim fazeis que se consiga
No Templo melhor culto, e que a piedade
Por toda a parte os vossos passos siga;

Permiti, que em tão nova raridade
Duvide, se inda estou na Igreja antiga,
Se a Fénix sois vós da nossa idade.

Já se derrete a neve, e da montanha
Em líquida corrente ao vale desce,
Os campos rega, as margens humedece,
Borrifa a tenra flor, a relva banha.

No monte a brenha, o mato na campanha,
No bosque a planta, enfim tudo floresce;
Até no tronco antigo a hera cresce,
E a rude penha novo musgo ganha.

O fresco Abril em toda a parte arvora
O verde pavilhão, em que se esmera
Toda a pompa gentil, que produz Flora.

Tudo alegre se vê; somente austera
Não quis a minha sorte, que até'gora
Chegasse para mim a Primavera.

Ó Vós, que fostes Ninfas algum dia,
E hoje Matronas sois, vós que me ouvistes
Ora casos alegres, ora tristes
Cantar de amor com doce melodia:

Vós, que um prudente pai, vós que uma tia,
Que o marido iludir talvez me vistes,
E por sinal que às vezes vos sorristes
De alguns stratagemas que lhe urdia:

Vós, deixai-me esquecer: e por piedade
Consenti que da vida transitória
Discorra em paz na decadente idade.

Riscai os meus sucessos da memória;
Que às vezes são motivo da saudade
Doces lembranças da passada glória.

Enquanto tu, nobre Malheiro, atado
Mais às leis do dever, que às da vontade,
Ao Príncipe melhor da nossa idade
Serves com honra, e assistes com cuidado:

Enquanto atrás da fera arrebatado
Pisas o monte, e deixas a Cidade,
E afoutando dos cães a lealdade,
Matas a lebre, e segues o veado:

Enquanto do jardim as belas plantas
Cultivas diligente, ou forte montas
Nos cavalos leais, e nos espantas:

Enquanto enfim devoto te remontas
No sacro culto, e cerimónias santas:
Estes versos te faço, e rezo as contas.

Eu não creio que a nossa Fidalguia
Procedesse de Adão, que era um coitado;
Um paisano, que nunca andou calçado,
Um pobre, que de peles se vestia:

Não teve Armas, Brasões; nem possuía
Por prova de ser nobre algum Morgado:
O foro nunca viu; nem foi tratado,
Como agora se faz, com Senhoria.

Eva inda foi pior, pois na Escritura
Se não trata de Dom, nem de Excelência,
Nem se diz se nas danças fez figura.

E assim venho a tirar por consequência,
Que estando hoje a nobreza em tanta altura
Não traz dele, nem dela a descendência.

A morte, que mil vezes arrebatava
Tanta gente feliz, que a não merece,
De mim, vendo que a vida me aborrece,
De mim, por mais que a chamo, se recata.

Pára o relógio, as horas me dilata,
Aumenta o meu tormento; e assim parece
Que aos votos que lhe ofereço se ensurdece,
Por ser cruel até quando não mata.

Rogo-lhe enfim, que já que o seco braço
Da foice em mim não descarrega o corte,
Me trespasse um punhal, me aperte um laço.

Mas sou tão infeliz na minha sorte,
Que para padecer mais longo espaço,
Zomba de mim, e me despreza a morte.

Ora o Marão de escuro nevoeiro,
Ora coberto está de neve fria,
Ora chove, ora venta, e se arrepia
O gado sem pastor em cada outeiro.

Assim se avista o pérfido Fev'reiro
Enganador da mãe; à qual um dia,
Quando o mais claro sol resplandecia,
De repente cobriu de um seraiheiro.

O vento, a chuva, o gelo, finalmente
Todo o tempo é cruel, e resistência
Lhe faz com custo o lavrador valente.

Enquanto a mim, tão dura convivência
Já se me faz um pouco impertinente;
Mas se não há Renúncias, paciência.

Na muda solidão deste aposento
Não tenho mais que a triste companhia,
Que de noite me faz, me faz de dia
O constante teor do meu tormento.

Sempre me assiste, e nunca um só momento
Deste mísero leito se desvia:
E parece que a sua rebeldia
Toma na duração um novo aumento.

Tudo o tempo destrói: unicamente
Da minha mágoa a bárbara impiedade
É sempre a mesma; e nunca se desmente,

Eu bem sei que no Céu não há crueldade;
Mas comigo parece que inclemente
Me faz penar por uma eternidade.

Aqui onde o Marão a espádua dura
Curva, Nize gentil, sobre a campanha,
Como oprimido da ousadia estranha,
Com que as moles do Céu suster procura:

Aqui onde mais grita que murmura
Sombria fonte, arrojo da montanha,
Que supondo-se rio, não só banha,
Mas troncos morde, e mármore apura:

Aqui aonde o bosque a cada penha
Tece grinaldas mil com tosco alinhô
Da tarde ou nunca penteada grenha.

Aqui aonde apenas faz caminho
Rústica planta, por confusa brenha;
Aqui, Nize gentil, tenho um moinho.

O Mundo é mar: a vida é nau: e o vento
Se forma das paixões da humanidade;
E elas sopram com tanta variedade,
Que é tudo confusão no movimento.

Se uma vez há bonança, vezes cento,
Qual Piloto a razão na tempestade
Se perde, sem que ao porto da verdade
Nos possa conduzir a salvamento.

Oh! Queira o Céu, que eu chegue a ele um dia,
Aonde a respirar o peito humano
Sem medo das tormentas principia;

Ele faça que em mim eu veja ufano
O sagrado farol, com que nos guia
Para a Pátria Celeste o desengano.

Musas, adeus: que o mundo principia
A mostrar que de ouvir-me está cansado;
Este mordaz me chama, aquele ousado,
E estoutro de Censor me calunia.

Não tem remédio; adeus: que a melodia
Deixa de o ser assim que causa enfado;
E quem não quer sofrer um desagrado,
Continuar não deve o que enfastia.

Silêncio pois: e esconda-se o instrumento,
Ao som do qual cantei, que o não penetre
Nem inda um sopro do mais leve vento.

Um só dos versos meus se não soletre;
E deixemos em mudo esquecimento
Tanto Peralta, e tanto Petimetre.

Nize, deixa-me em paz, porque já agora
No mar de Amor, por mais que à vela saia,
Carcaça velha sou, que junto à praia,
Por não poder surgir, se desarvora.

Adeus, que quem me vir da barra fora;
É capaz de me dar alguma vaia:
E ao menos quero, antes que ao fundo caia,
Inda salvar-me: adeus; fica-te embora.

Bem sei que pouco é já; más por vanglória
(Porque às vezes se faz do próprio dano)
A mesma falta hei-de fazer notória.

E no público altar do Desengano,
Deixarei dos estragos por memória
O destroçado leme, e o roto pano.

Quando sinto de Nize um desagrado,
Quando logro um favor, então duvido,
Se um será do desprezo comovido,
Se outro dum doce affecto ocasionado.

Não a posso entender: seu rosto amado
O desprezo, e favor traz tanto unido,
Que eu não sei quando dela sou querido,
Nem quando dos seus olhos desprezado.

Sei só que é tão gentil, que endurecida,
E que branda se faz com igual sorte,
Sempre de um peito amante apeteçada;

Pois chega a ser o seu poder tão forte,
Que inda ingrata, a esperança me dá vida,
Que inda benigna, o gosto me dá morte.

Ó Vós, Damas gentis, que com destreza
De prendas adornais a formosura,
Para se duvidar com tal mistura,
Se a graça em vós é mais, se a gentileza:

Vós, que a gala ao dever trazeis tão presa,
Que decidir não pode a conjectura,
Qual mais adoração vos assegura,
Se da virtude a luz, se a da beleza:

Vós, que trazeis enfim arrebatado
Com diversa atenção a cada peito
Entre a vossa decência, e vosso agrado:

Vós permiti, que possa o meu conceito,
Das vossas perfeições equivocado,
Unir o meu afecto ao meu respeito.

Adeus, Laura gentil, fica-te embora,
E a novo adorador feliz te enlaça:
Desfruta a mocidade, porque passa
Depressa o tempo, e tudo nos devora.

Eu de nada te sirvo; pois já agora
A trémula velhice me embaraça;
E o ter zelos além da morte escassa
Transcende a maior fé de quem se adora.

Não falta gente moça; eu te confesso,
Que produz grande cópia a nossa idade,
Em quem podes lograr melhor sucesso

Elege um entre mil, enche a vontade,
Pois tens onde escolher; eu só te peço,
Que a dar-me um sucessor não seja Abade.

Enxuga aquele pranto, que até'gora
O rosto te inundou, triste Amarante;
Pois também chega ao Tâmega distante
A mesma Augusta Mão, que o Tejo adora.

Ela o rio subjuga, e te decora,
Fazendo que outra ponte se levante,
Onde ainda há pouco aflito o caminhante
Naufrágios receou, sofreu demora.

Tu sobre a excelsa fábrica contente
Bem cedo moverás a planta tua,
Sem que te prenda a líquida corrente.

Mas que muito! Se faz que se construa
Nela o teu bem, e o bem de tanta gente
Uma grande Rainha à custa sua.

O Zelo teu a promover atento
O Diploma Real, doutor Manique ⁹.
Faz que Amarante agora te fabrique
Na ponte que prepara um monumento.

Cada pedra há-de ser um fundamento,
Com que o teu nome eternizado fique;
Pois chegaste a fazer que se edifique
Passagem pronta ao caminhante lento.

Ele, que vezes mil se viu pendente
Do Tâmega na margem, por vanglória
Zombará dele, e passará contente:

E lendo em cada um arco uma memória,
Fará bem cedo em teu louvor patente
A sua segurança, e a tua glória.

⁹ Intendente Geral da Polícia.

Se o Fado tem por firme fundamento
Dos orbes a perpétua permanência;
Deixemo-lo girar, que a diligência
Não lhe pode mudar o movimento.

Ele governa tudo; e é louco intento
Pôr-se com o destino em competência;
Porque para fazer-lhe resistência
Só se encontra poder no sofrimento.

Viva-se pois com peito sossegado,
E o segredo do tempo sempre escuro
Não deve esquadrihar um desgraçado:

Que o mal, seja qual for, se faz mais. duro,
Se o recorda a memória do passado,
Se o receia a ciência do futuro.

Adeus; já basta, Amor: a mocidade
Te of'reci por primeiro sacrificio;
E depois a razão, e o desperdício
Por último te fiz da longa idade.

O dever, o decoro, a dignidade;
Tudo arrisquei para te ver propício;
E se a honra salvei do precipício,
Foi mais que favor teu, do Céu piedade.

Por teu respeito enfim delirei tanto,
Que eu mesmo celebrei com voz sonora
O motivo infeliz do próprio encanto.

Que queres mais de mim? Que eu inda agora
A lira pulse, e te consagre o canto?
Esse tempo acabou; fica-te embora.

*(À Excelentíssima Senhora D. Catarina Micaela de Sousa César e Alencastre.
Enviada de Inglaterra)*

Não, gentil Heroína, eu não intento
Formar-vos elogios da beleza;
Que aquilo, que se deve à natureza,
Somente servir deve de ornamento.

Também julgo, que um claro nascimento
Aplausos não merece; que a nobreza
Dos Ilustres passados foi grandeza,
Que em vós reproduziu o luzimento.

Sei que as prendas, as artes, finalmente
O duto engano, a quem Apolo erude,
Tudo em vós é feliz, tudo eminente.

Mas também sei, inda que humilde e rude,
Que compõem um encómio mais decente,
Quem vos forma os aplausos da virtude.

Era um amante (e vejam qual seria;
Pois que tinha por seu menor defeito,
Ser velho, ser avaro, e ser mal feito,
Com mais certos achaques, que encobria.)

Era um amante, digo; o qual vivia
Do Senhor seu nariz tão satisfeito,
Que a certa Dama, e Dama de respeito,
Com ser um toleirão, zelos pedia.

Ficou de ouvi-lo a bela quase morta:
E para o sacudir então lhe disse:
Meu Senhor; isso a mim pouco me importa:

Aqui não cabe tanta parvoíce:
Se se quer recolher busque outra porta,
Que esta casa não tem cavalherice.

Fortunata gentil: e na verdade
Nas aras da fortuna o tempo agora
Os anos vos consagra, e condecora
Com os que hoje contaís a vossa idade,

A graça, a gentileza, e a variedade
Das prendas, que ostentais, .com eles mora;
E o mundo enfim com eles vos adora
Na estação mais feliz da mocidade.

Eu faço o mesmo: e ao vosso culto atento,
Se a Parca escuta os rogos dos humanos,
Deprecá-la esta vez, devoto intento.

Para que os golpes seus sempre tiranos
Suspenda contra vós; e vezes cento
Nos deixe celebrar os vossos anos.

Senhora Nize, adeus, e gaste embora
O seu café com esses meus Senhores,
Que, entretendo-a de frívolos amores,
Lhe fazem fala até que nasce a Aurora.

Adeus, volto a dizer-lhe; que já agora
Não me atrevo a estudar novos primores:
Fique-se em paz; e empregue os seus favores
Em quem as assembleias condecora.

Achará quem lhe fale com decência,
Quem lhe faça cortejo; ultimamente
Quem lhe faça agradável convivência.

E se acaso mandar um bom presente,
Achará quem a trate de Excelência;
Porque no mundo para tudo há gente.

Se eu navegasse o mar; se eu fosse à guerra;
Se habitasse onde a peste se dilata;
Se entre tigres dormisse em negra mata.
Se entre leões em solitária serra:

Se me picasse o dente com que ferra
A víbora cruel, que logo mata;
Se tragasse a cegude ao gosto ingrata;
Se o veneno chupasse ao fel da terra:

Se junto a mim dos raios cento a cento
Me apontasse dos Céus a bateria;
Enfim se eu cair visse o Firmamento:

A tudo sem pavor resistiria;
Que como não me acaba o meu tormento,
Também dos outros males zombaria.

Estime o venturoso a vida embora;
Receie de a perder; e diligente
Reparos forme, e máquinas invente
Contra a fouce cruel que a morte arvora:

Faça por evitá-la: que já agora
Enfadado por fim de ser vivente,
Só julgo que é feliz um descontente,
Quando se parte deste mundo fora.

Ele é desterro, aonde a humanidade
Não faz mais que penar: e o Céu sagrado
É Pátria de imortal felicidade.

Se é pois suplício o andar expatriado;
A maior duração da nossa idade
Só serve de o fazer mais dilatado.

(Fazendo anos o Sereníssimo Senhor D. Gaspar Arcebispo Primaz.)

Depois que infeliz sou, tenho assentado,
Que me fora melhor não ser vivente;
Porque só serve de assombrar a gente
A medonha visão de um desgraçado.

Aonde quer que chego causo enfado:
Todos fogem de mim; ultimamente
Parece, que inda o Céu, com ser clemente,
Escuta os votos meus com desagrado.

Nada me resta mais do que a esperança
De entregar como os mais a vida ao corte,
Que a Parca dura sobre todos lança.

Mas é tal até nisto a minha sorte;
Que como um triste com morrer descansa,
Encontro a vida, quando busco a morte.

Não, Prelado imortal; eu não intento
Dos vossos anos no festivo dia,
Tecer-vos da Real genealogia
Para os vossos aplausos o ornamento.

Bem sei, que o sangue Augusto é luzimento,
Que a brilhar já no berço principia;
Mas eu descobro em vós maior valia,
Que a fortuna do Régio Nascimento.

Vós tendes outros dons mais soberanos,
Que como em áureo anel enfim se engasta
A glória vossa, e o pasmo dos humanos.

Ela me guia, e quase que me arrasta;
Porque para aplaudir os vossos anos
Tenho a vossa virtude, e essa me basta.

(Ao mesmo Sereníssimo Senhor.)

Régio Senhor (não digo bem, se intento
Recordar-vos do sangue a Majestade;
Pois das vossas acções a claridade
Inda é maior que o vosso Nascimento.)

Sábio Pastor(mas inda é curto aumento
Para o vosso louvor a Dignidade;
Pois inda que é maior, vossa piedade
Lhe dá mais, que recebe o luzimento.)

Gaspar feliz direi; porque somente
Do vosso claro nome o ilustre brado
Pode fazer a vossa luz patente.

Vós, Senhor, aceitai que um prostrado
Súbdito novo, agora obediente
Vos acha Pai, buscando-vos Prelado.

Se acaso um Cafre o peito me rompesse,
E visse dentro dele o meu tormento;
Pode ser que com nobre sentimento
Um Cafre de ser Cafre se esquecesse.

Pode ser, que de mim se condoesse,
Deixando-me ficar, sem que cruento
Me tragasse as entranhas por sustento,
E o sangue por bebida me sorvesse.

Pode ser; porque à vista da humildade
Bárbaro algum não há, que não rebata
Alguma parte ao menos da crueldade.

Só Nize, nunca branda, e sempre ingrata
Me arranca o coração, e sem piedade,
Quanto mais eu me humilho, ela me mata.

A trinta e cinco réis custa a pescada:
O triste bacalhau a quatro e meio:
A dezasseis vinténs corre o centeio:
Do verde a trinta réis custa a canada.

A sete, e oito tostões custa a carrada
Da torta lenha, que do monte veio:
Vende as sardinhas o galego feio
Cinco ao vintém; e seis pela calada.

O cujo regatão vai com excesso,
Revendendo as pequenas iguanas,
Que da pobreza são todo o regresso.

Tudo está caro: só em nossos dias,
Graças ao Céu! Temos em bom preço
Os tremoços, o arroz e as Senhorias.

Do inquieto mar do mundo enfim cansado
Colher as velas quero: e aqui de fora,
Como aquele que junto à praia mora,
As tormentas verei; mas descansado.

Quem quiser que o navegue: e carregado
Do luzente metal, que o mundo adora,
Feliz à pátria volte: e muito embora
Empregos compre, e viva respeitado.

Palácios edifique; e neles tenha
Sempre assembleia aberta à gente nobre,
Que respeitosa as filhas lhe entretenha.

Que eu na humilde cabana que me cobre,
Como nela a virtude a viver venha,
Serei mais venturoso, inda que pobre.

(Depois que o Autor renunciou o seu benefício.)

Eu, que junto à Cabana, em que vivia,
Tive uma rica Ermida: e afortunado
Ovelhas tantas tive, que o montado
Com elas branquejar alegre via:

Eu, que tive prazer, tive alegria,
Tive nome entre os mais; eu desgraçado,
De quanto tive agora despojado,
Não tenho nada mais, que a noite, e dia:

Eu mesmo deixei tudo: e unicamente,
A saudade nos cofres da memória
Com disvelo guardei, mas imprudente;

Pois lendo nela a minha triste história,
Me fazem ser mais duro o mal presente
Doces lembranças da passada glória.

(Por um anónimo depois da renúncia do Autor.)

Não canta o Rouxinol, como cantava
Algum dia nos bosques de Jazente,
Onde com grata voz movia a gente,
Como Orfeu que os rochedos abalava.

Então só para ouvi-lo procurava
O sábio ocasião conveniente;
Sendo tão doce a voz, e tão cadente,
Que de prazer o rústico saltava.

Mas inda hoje conserva tal beleza,
E o estilo de cantar sublime, e vário,
Que mostra ser Cantor por natureza.

Ele imita ao Pardal, e ao solitário,
À laberca, ao Cochicho; e na destreza
Passa de Rouxinol a ser Canário.

(Resposta ao Soneto anónimo.)

No tempo, douto Amigo, em que eu cantava
Nos bosques solitários de Jazente,
Como só me atendia a rude gente,
Nenhum receio o peito me abalava.

Dizia o que queria: e procurava
O estilo aos males meus conveniente;
E sem me dar que fosse ou não cadente,
Do fá-bordão, junto ao ré-mi saltava.

Mas vendo dos teus versos a beleza,
Pressinto em mim o pensamento vário;
E até faltar-me a mesma natureza.

E em vez de celebrar-se solitário,
Neste monte emudeço, e sem destreza,
Sei só que um Pisco sou, e tu Canário.

É tão grande o rigor do meu tormento,
Que já nada no mundo me alivia;
A pesca, a caça, o jogo, e a companhia,
Enfim nada me dá contentamento.

Tem tomado em meu peito tal aumento
O tirano pesar que me angustia,
Que até das doudas Musas a harmonia
Não chega a minorar-me o sentimento.

Tudo aquilo aborreço que à mais gente
Costuma divertir; e de tal sorte,
Que me enfada o esplendor do Sol luzente.

Ódio tenho a mim mesmo: e é tão forte,
Que mudo, solitário, e descontente
Mais horror tenho à vida, do que à morte.

Do leito, e do sepulcro, não devia
Ser o nome diverso; porque a gente
Por modo em cada um pouco diferente
Neles encontra a mesma companhia.

A morte, e o sono, ambos da luz do dia
Nos roubam o esplendor; e unidamente
Para o que dorme a cama é tumba quente,
Para o que morre, a tumba é cama fria.

O dormir, e o morrer símbolo raro
Vem a ser de um; e de outro; e na verdade
Eu sem mais distinções, eu os comparo.

Oh! Queira o Céu por última piedade,
Que me encontre depois um dia claro,
E me desperte o lume da verdade.

(Em um brinquedo particular que se fez em Amarante representando António Peixoto Pereira na tragédia de Belizário.)

Enquanto tu, gentil Peixoto, atento
Mais do teatro às leis que às da vontade,
Imitaste de Honória a falsidade,
Os crimes, o furor, e o fingimento:

Enquanto das paixões o movimento
Expressaste com tanta propriedade,
Que apesar do teu génio era a crueldade,
Quem dava à tua acção o fundamento:

Enquanto enfim de mil espectadores
Lograste com completa segurança
O merecido prémio dos louvores:

Eu pasmava de ver-te sem mudança
Fazer belo o carácter dos rigores;
E até fazer formoso o da vingança.

(No mesmo brinquedo, representando José de Magalhães e Meneses na Comédia da Bela Selvagem.)

As acções virtuosas de Delmira,
Discreto Magalhães, tão bem figuras,
Que até na imitação das desventuras
Só de te ouvir o coração suspira.

Ou seja a Arte, ou seja, que te inspira
O génio natural, tu nos procuras
Mover em nós as atenções mais puras,
Cada vez que o teatro a cena vira.

Mas seja o douto estudo, o que te erude;
Ou seja tão somente a natureza;
Dizer qual mais te amestra eu nunca pude.

Só sei que representas com destreza;
Pois tens no peito o ensaio da virtude,
E no próprio semblante a gentileza.

Dos anos a contínua concorrência
Pouco a pouco destrói todo o vivente,
A fera mais robusta, gado, a gente,
E a planta de mais firme corpulência.

Abate até dos montes a eminência:
Gasta os duros metais: ultimamente
Não há cousa no mundo tão valente,
Que forme contra o tempo resistência.

Por mais reparos que a cautela traça,
Ele sempre caminha; e a passo lento
Torres destroça, e muros despedaça.

Eu só do seu domínio vivo isento;
Pois por mais que ele corra, e mais que faça,
Nunca pode extinguir o meu tormento.

(Aos anos de Sua Alteza.

Enquanto na assembleia a Senhorita
Gasta a jogar parte da noite escura:
E de outra banda o Petimetre apura
Uma Dama de honor, a quem visita:

Enquanto ao Rouxinol cantando imita
A Donzela gentil sobre a costura:
E enquanto o sono afugentar procura
Metida a sentinela na guarita:

Eu desperto também; e até que a Aurora
Às sombras rasgue o tenebroso manto,
Tempero atento a cítara sonora:

E invocando do Pindo o Nume Santo;
Pois que jogar não vou; da mesa fora,
Da pobre minha bolsa a inópia canto.

Por mais que intente a douta Medicina
As vidas dilatar; inda até'gora
Contra a morte cruel, que nos devora,
Remédios não compôs, não deu doutrina.

Ela o relógio observa, onde se assina
Aos míseros mortais a fatal hora;
E assim que a vê chegar, a foice arvora,
E tudo então destrói, tudo arruína.

Nada enfim lhe resiste: unicamente
Dos anos dos Heróis a claridade
O golpe lhe rebate, ou lho desmente.

Nos de Gaspar se mostra esta verdade;
Pois se vê que o seu nome adora a gente,
Escrito nos Padrões da Eternidade.

(Ao mesmo assunto estando presente S. A na Academia em Guimarães.)

Se de Gaspar contemplo, ora a Piedade,
Ora o Sangue, que as veias lhe circula,
Não me atrevo a julgar qual lhe acumula
Nos anos seus mais nobre claridade.

Com ela imita aos Céus, a santidade
Com que este Augusto Infante se intitula:
E tão conforme o resplendor regula,
Que medidas não sofre na igualdade.

Que as faça quem souber: que eu não intento
Com débil pena, e com engenho rude
Fazer-lhe distinções no luzimento.

Não: pois por mais que quis inda não pude
Separar-lhe do Régio Nascimento
O sagrado Carácter da virtude.

(Dado na mesma Academia.)

MOTE

A paz conserva a cândida virtude.

Longe de Guimarães, esses que a Arte
Falsos princípios forma; onde somente
A distinção de uma fingida frente,
E não o coração, tem neles parte.

Longe a discórdia vã, filha de Marte,
Os crimes, a vingança, finalmente
Tudo quanto inquietar no mundo a gente
Se retire daqui, daqui se aparte.

Porque Gaspar aqui nos predomina,
Aqui com mil exemplos nos erude,
E faz dos anos seus sacra Doutrina;

Pois neles reconhece, inda o mais rude:
Que se a guerra os furores nos ensina,
A paz conserva a cândida virtude.

(Na mesma Academia.)

Musas, adeus, que a vossa melodia
Não posso já sofrer; foi tempo: agora
Ocultar quero a cítara sonora,
Onde nunca mais veja a luz do dia.

Rouca a voz, tarda a mão, e a ideia fria
Querem que eu vá desta assembleia embora:
Sábios tem ela Alunos; e eu de fora
Lhe ouvirei novos modos de harmonia.

O objecto dela é grande; e na verdade
Esforços requeria mais que humanos
Em uma acção de tanta autoridade.

Mas se eu não posso mais; aos Céus sob'ranos
Rogarei que por bem da nossa idade
A Fénix conte de Gaspar os anos.

Se de Nize contemplo o casto peito,
Se o semblante gentil, inda até'gora
Julgar não sei qual mais a condecora;
Qual faz nos corações maior efeito.

Por honesta nas Aras do respeito,
Por gentil, nas do amor tanto se adora;
Que o mesmo culto, que lhe of'ereço, ignora,
Qual maior impressão em mim tem feito.

Por mais enfim que atentamente estude
O seu decoro, a sua gentileza,
Saber qual é maior, inda não pude.

Sei só que fico sempre na incerteza,
Se se faz mais amar com a virtude,
Se mais obsequiar com a beleza.

Da carga desta vida enfim cansado
Sacudi-la de mim quisera fora;
Por ver se do seu peso em alguma hora
Me via inteiramente aligeirado.

Se é certo, que além dela um desgraçado
Pode ir viver onde a ventura mora,
A quisera ir lograr; mas até'gora
Me dilata esse bem o duro fado.

Ele não quer que a Parca. o fio corte;
Que os alentos vitais tão firmes ata,
Que resiste à tisoura inda a mais forte.

E quer mostrar assim que é tanto ingrata;
Que como para mim é gosto a morte,
Quer ser cruel até quando não mata.

Seja qual for, ninguém do próprio estado
Queixas deve formar, pois resistência
Não se pode fazer à permanência
Do sistema, em que o mundo está fundado.

Quanto há-de ser, e quanto tem passado
Está nele com tanta consistência,
Que a não lhe aniquilar a própria essência,
Não pode ser pelos mortais mudado.

Vive o Pastor na serra endurecida,
Na mole Cúria o Rei; e a tudo a sorte
Com sua independência nos convida.

Se pois tudo vem dela; se suporte:
E sofram-se os trabalhos desta vida,
Por fazer menos dura a negra morte.

Rompe o tempo voraz a corpulência
Das pedras, dos metais, dos troncos duros,
E até lhe cedem os valentes muros,
Que a Mavorte fizeram resistência.

Os edifícios prostra; e sem demência
Derrubando os reparos mais seguros,
Aos troncos íclitos, e aos Templos puros
Nega o respeito, e falta à reverência.

Só por ti, gentil Nize, atento passa,
Sem que dos seus destroços, dos seus danos
Alguma sombra no teu rosto faça.

És sempre bela; e aos dotes teus sob'ranos
Aumentas nova luz, e nova graça
No dia, em que celebras os teus anos.

Se cada qual trouxesse sobre a frente
Dos ocultos pesares um traslado,
Talvez que o que parece afortunado
Se convertesse então em descontente.

Não: ninguém quer mostrar à demais gente
Que traz dentro do peito algum cuidado;
Por isso finge um rosto serenado,
Ao mesmo tempo que os seus males sente.

Eu só sinto um tão bárbaro tormento,
Que tanto me angustia, e oprime tanto,
Que já para o calor não tenho alento;

E dou a conhecer com novo espanto
O meu mais escondido sentimento
Nas públicas correntes do meu pranto.

Aqui junto do Tâmega que desce
Formando em cada penha uma cascata,
Onde na espuma dos cristais retrata
O mar que em flor rebenta, e se enfurece:

Aqui para que o Rio mais se apresse
A chegar, onde vive a minha ingrata,
E unido ao Douro os altos muros bata,
Com que o soberbo Porto se garante:

Aqui os males meus chamar intento,
Por ver se uma maior velocidade
Do Rio as águas com meu pranto aumento.

E sendo testemunhas da verdade,
Lhe vão mostrar o meu final tormento,
E criminar-lhe a sua crueldade.

Relampeje, trovoe; e cento a cento
Caiam raios do Céu, que eu sossegado
Tudo vendo estarei sem mais cuidado,
Que o da causa gentil do meu tormento.

Ele tanto me ocupa o pensamento,
Que de outro mal não posso ser lembrado,
Inda que sobre mim despenhe o fado
Quantos Astros encerra o Firmamento

Inda se eu visse o fim da Redondeza,
Que circunda a pasmosa Imensidade,
Que mede a tantos Orbes a Grandeza;

Inda então na medonha escuridade
Da ruína total da natureza,
Só me lembrara a minha saudade.

Que uma Dama gentil sonora cante,
Que dance destra, e até que versos faça,
Não se deve estranhar; porque isso é graça,
Que mais airosa a faz, que a faz galante.

Que toque, que passeie, e que brilhante
Às assembleias vá, por moda passa;
E tudo o que ela ordena, e que ela abraça,
É para a desculpa causa bastante.

Tudo lhe dou: que a nossa idade agora
Das rústicas cautelas de algum dia
As pesadas correntes lançou fora.

Só não sofro a rasgada cortesia,
Que faz que uma vilã se condecora,
Chupando Dom, lambendo Senhoria.

Tudo a guerra destrói, com tudo bole,
Sem que ninguém do seu furor se isente:
Os Palácios, os Templos, finalmente,
Nada se encontra que ela não desole.

Na Campanha atropela a relva mole,
Rompe no bosque a planta mais valente,
Os animais devora; e a pobre gente
Afugenta, cativa, mata, engole.

Um suplício é do Céu, quando ele irado
A espada da justiça desencerra
Por castigar do mundo algum pecado.

Com ela despoeva a triste terra;
Pois da peste, e da fome acompanhado
Andar costuma sempre o mal da guerra.

Assim que nasce o mísero Inocente,
Perde este nome; e em lágrimas banhado
Confessa que a penar é condenado
Pela culpa fatal de ser vivente.

Ela é tão grande, e o faz tão delinquente,
Que se chega a morrer naquele estado,
Parece que valer-lhe o Céu sagrado,
Ou não pode, ou não quer, com ser clemente.

Ele pode, e ele quer, mas na verdade
Foi a culpa de Adão tão grave, e forte,
Que inficcionou a toda a humanidade.

E fez tanto infeliz a nossa sorte,
Que sem ter compaixão dia tenra idade
O mesmo Céu o sentenceia à morte.

Neste dia o mais triste, e o mais sagrado,
Que o tempo nos seus círculos numera,
No qual por compaixão dos Céus na Esfera
O Sol ficou sem luz todo eclipsado:

Neste fúnebre dia, dedicado
À morte mais cruel, e a mais severa;
Porque nele a memória considera
Não menos do que um Deus crucificado:

Neste dia imortal, que a toda a gente
Comove os corações para a ternura,
Entre os mais fico sem chorar somente;

Pois mais rebelde o meu, que a pedra dura
Vê, e sem se quebrar, da Cruz pendente
O mesmo, que salvar-me hoje procura.

(Aos anos de Sua Alteza.)

Nasce connosco o génio; e companhia
Nos faz, Senhor, com tal tenacidade,
Que mudar-lhe não pode a propriedade,
Nem inda até do tempo a valentia.

Um heróico peito principia
Logo a brilhar na flor da mocidade:
Cresce, dura, e por fim em toda a idade
É sempre o mesmo, e nunca se varia.

Vós hoje exemplo dais desta firmeza,
Que faz mover os corações humanos,
Sem nunca lhe alterar a natureza;

Pois são por liberais, por soberanos,
E por nunca mudarem de grandeza,
Sempre os mesmos no génio os vossos anos.

Passo triste a manhã, a tarde, o dia,
E a mesma noite sem dormir lamento;
Que quem padece um tão cruel tormento,
Teme na luz, na sombra, se angustia.

Vivo só por sofrer a tirania
Dos males meus; que a vida que sustento
Não me serve de mais que de alimento
Do pesar, da tristeza, e da agonia.

Um alívio só há, que me segura
De quem tem de acabar mágoa tão forte,
Levando-me bem cedo à sepultura.

Mas oh quanto é funesta a humana sorte!
Se para nos dar fim à desventura
Primeiro faz sofrer o horror da morte.

Ó Tu, sábio Orador, não da Eloquência
Das humanas paixões; mas da Celeste;
Que de tão longe a converter vieste
Os filhos de Amarante à penitência:

Tu que avivar na surda consciência
Os mordazes remorsos me fizeste:
E o que inda é mais.; tu, que abrandar pudeste
Da minha contumácia a resistência:

Tu forceja, combate, e continua,
Até que o grilhão duro, que me arrasta,
Da Santa voz aos golpes te destrua.

Enfim, do precipício tu me afasta;
Que a não ter maior fruto a Missão tua,
Que a minha conversão; esse te basta.

Parte, ó Sacro Orador; e fazе embora
Em outro Clima a luz do Céu patente:
Ofício é teu; e o mundo tem mais gente,
Que como nós o teu socorro implora.

Triste Amarante fique; e se demora
A partida cruel te não consente,
A ausência tua o nosso amor lamente;
E tu lhe aceita as lágrimas, que chora.

Se tu soubeste; e se pudeste tanto,
Que dos olhos da nossa iniquidade
As chegou a arrancar teu zelo Santo;

Leva contigo ao menos por piedade,
Estas que hoje derrama o nosso pranto,
Para dar-te uma prova da saudade.

Neste mundo não há quem da censura
Isento a viver chegue; porque a gente
Muitas vezes da acção, que é mais decente,
A vê por outro lado; e nos murmura.

Crítica-se uma Dama,, que procura
Fugir das assembleias; e igualmente
Da que nelas se quer fazer patente,
Talvez o pundonor se desfigura.

Uma, dizem, que tem o génio rude:
Outra, que se encaminha ao precipício:
E em cada qual o bem, e o mal se ilude.

E assim com um satírico artifício;
O que às vezes em ambas é virtude
A crítica mordaz figura um vício.

Ora Nize se ri, ora lamenta,
Ora se ofeço, ora se dificulta;
Ora em nada me aceita, ora me multa;
Ora me anima, ora me desalenta:

Ora gostos me dá, ora atormenta;
Ora se deixa ver, ora se oculta;
Ora mimos me faz, ora me insulta;
Ora toda é bonança, ora tormenta:

Ora me faz gelar, ora me acende;
Ora alento me dá, ora me espanta,
Ora solto me traz, ora me prende:

Ora triste me tem, ora me encanta;
Ora sim, ora não; ninguém a entende,
Ora é um Diabo, ora é uma Santa.

Transcrição de José Barbosa Machado baseada na edição de Bernardo António Farropo, intitulada *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos Abade de Jazente* (Porto, Oficina de António Álvares Ribeiro, 1786-1787), e confrontada com a edição de 1837 (Porto, Rolland Editor) e a de 1909 (edição de Júlio de Castilho, Lisboa, Parceria António Maria Pereira).

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
